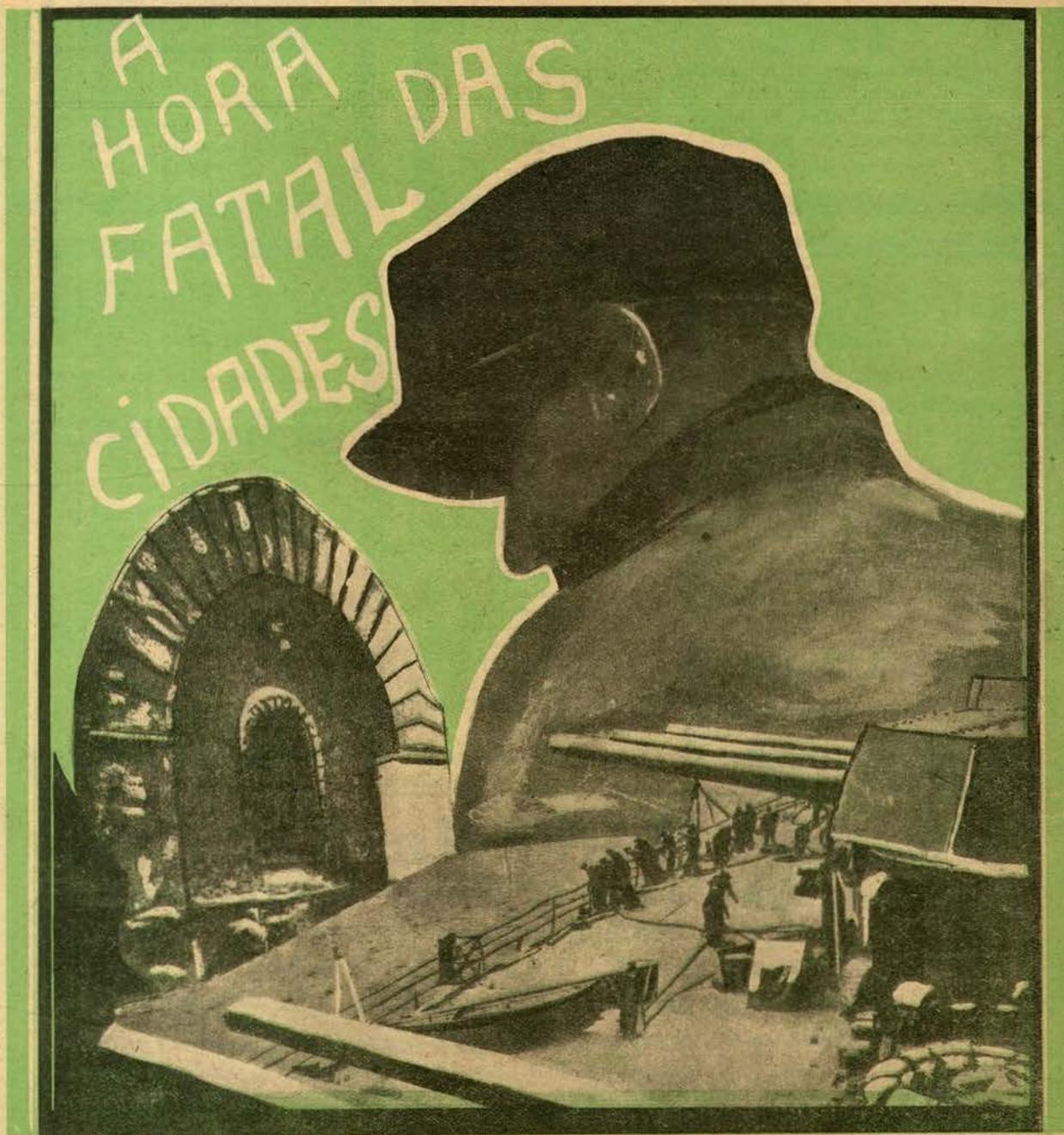


11 de Março
de 1932

reporter.

Semánario das grandes reportagens



Ler no interior: As proezas dum rajah minhoto—História da Medicina—Os tentáculos da Companhia de Jesus—A guerra nas trincheiras e a guerra nas bolsas—Como são roubados os diamantes de Angola—etc., etc.

Deite fóra todas essas águas, gotas, azeites e tantas outras drogas que lhe têm impingido para pintar os cabelos. Elas não são mais do que um assalto à sua bolsa... Mostre que é inteligente.

Veja o que os melhores cabeleireiros empregam nos seus magníficos trabalhos de pintura. Constatará que é só

K O M O L

KOMOL, dispondo de 18 cores à sua escolha de: do Preto ao Louro Rosado, permite-lhe em sua casa, e sem auxilio de ninguém, restituir a cor natural aos cabelos em **15 minutos**. E eles, ficam macios, soltos e brilhantes, ninguém conhecendo que foram pintados.

CAIXA 25\$00

A' venda nos melhores estabelecimentos. Representante M. CABRAL—R. Camilo Castelo Branco, 20, Telefone N 3831.— Depositário — FARMACIA OLIVEIRA, R. da Prata, 240 — Telefone 2.1415 — Agente no Porto — A. QUADROS Jor.—R. de Traz, 7, 2.º — Telef. 87

Fotogravura, Tricomia, Bleromia, Zincogravura e desenho

Executam-se com a maxima perfeição na

FOTOGRAVURA NACIONAL L^{DA}



Rua da Rosa, 273.
LISBOA
1 TELEF-20958

Descontos especiais em gravuras para jornais e revistas.

Teatro Avenida

A's 9 e meia

ESPECTACULO INTEIRO

Companhia Estevão Amarante
Grande êxito do original português

O "Az" das Fitas

engraçadíssimo «vaudeville» em 3 actos,
original de ARNALDO LEITE e
CARVALHO BARBOSA música
de ANGEL GOMEZ

Encenação ESTEVÃO AMARANTE
TODAS AS NOITES NO

Teatro Avenida

O AZ DAS FITAS

“ GARANTIA ”

COMPANHIA DE SEGUROS
(FUNDADA EM 1853)

Capital integralizado Esc. 1:000.000\$00
Reservas em 31 de Dezembro de 1927
E.c. 6:611.363\$33

O segurado da «GARANTIA» deve ter sempre em vista que a nenhuma outra Companhia lhes pode oferecer maiores vantagens: o seguro de vida obedece à matemática e esta é uma só. O que os segurados devem exigir é idoneidade da Companhia, e, neste ponto, a «GARANTIA», tem a escudela o seu passado.

SÉDE

Rua Ferreira Borges, 37—PORTO
(EDIFÍCIO PRÓPRIO)

DELEGAÇÃO CENTRAL

Praça da Liberdade, 13 e 14

Casa Bancaria Souza, Cruz & C.a, L.da

DELEGAÇÃO EM LISBOA

Rua de S. Julião, 63 a 71

(EDIFÍCIO PRÓPRIO)

Mannheimer V. G.

SEGUROS DE AUTOMÓVEIS

TELEFONE 23533

L. Barão de Quintela, 11-2.º

Teatro Maria Victoria

A's 8-30—10-30

Grande êxito da revista

o Mexilhão

Completamente remodelada
Numeros de grande sucesso

o MARUJINHO

per BEATRIZ COSTA

Comp.re ALVARO PEREIRA
Bilados por FRANCIS

o MEXILHÃO

NO

Maria Victoria

Grande Hotel da Batalha

Sociedade Exploradora do Grande Hotel da Batalha

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

TELEFONE, 1247

Praça da Batalha — PORTO

Um dos mais bem situados do Porto

Próximo dos Correios e Telegrafos—Electricos para todos os pontos da cidade

Completamente modernizado.—Primoroso serviço de mesa.—Esplendida sala de jantar.—Banhos.—Água em todos os quartos.—Espaçosa sala para grandes banquetes.—Almoços e jantares.—Preços modicos para famílias e pensionistas.—Telefone para toda a rede do Paiz.

Administrador: MANOEL CAETANO FERRAZ

Homens & Factos do Dia

A arte do triunfo e as virtudes da derrota

OUTRO dia, o meu amigo Caldas—Caldas é uma figura de louça, uma escultura caricatural com que Bordalo, se fosse vivo, teria simbolizado o tipo do filósofo parasita—o meu amigo Caldas, como lá dizendo, apareceu, na «Brazileira» do Chiado, a fisionomia toda em angulos reveladores de uma profunda apreensão. Surpreendi-me e surpreenderam-se os que, como eu, estão habituados à fonografia ininterrupta, folgazã, impiedosa e frívola do Caldas. Caldas é desses homens que deslizam pela epiderme da vida, sem deixar marcados os traços dos skits. O seu unico relevo é o da blague, que ele estuda, em casa, como um advogado que se prepara para o discurso do tribunal e com que ele anavalha reputações, interesses creados, fimas e celebridades solidas, sem o menor escrúpulo—e, o que é mais notavel ainda—sem dór para a victima. Esta só comprehende que foi ferida por uma frase do Caldas quando oêco das gargalhadas dos outros, como um facto de sangue, lhe denuncia a agressão...



Dai o nosso pasmo ao vermos o Caldas preocupado, pouco Caldas da Rainha e muito bronze—porque era digna do bronze a sua mascara crispada e sombria. Pensado entre perguntas dos amigos—resolveu-se a desabafar:

Muita gente supõe-me um frívolo—incapaz de sondar, com interesse consciencia, o mais superficial problema da vida. E' um erro! Procuo, de facto, fadiar o mais possivel essas batalhas, intimas ou exteriores, precisamente porque eu conheço e sei que, ao resolver-me deffrontar esses problemas não me esquivo a sacrificios nem transijo com panos quentes enquanto não alcanço o objectivo que se me affigura mais inteligente e logico.

«Eu tenho um filho que é a luz dos meus olhos. O logar comum com que expresseo o meu amor paternal não apouca, de forma alguma, esse amor. Emprego-o porque não encontro outra imagem que seja mais nitida e eloquente. O rapaz vai para os doze anos, está no liceu, e—sem baba nem vaidade posso afirma-lo—é o mais estudioso e inteligente dos alunos da sua classe. Os seus professores, quando me encontram, batem-me no hombro e cochicham-me ao ouvido: «O seu filho tem talento! Deixe-o voar até onde ele quizer porque ha-de vencer e marcar!» Em minha casa—todos nós fomos educados sob o dogma de honra, da lealdade, da piedade e da consciencia. Meus paes herdaram estes principios dos meus avós, transmitiram-nos a mim e, de colaboração comigo e com minha mulher, que igualmente pertence a essa maldita seita da gente de bem, estamos a moldar a alma, o espirito, o coração do rapaz, como moldaram os nossos. E como o terreno é propicio—o miúdo demonstra já um carácter firme, intolérante para com as fraquezas sociais, mesmas convencionadas e tem da dignidade, da lealdade, de sinceridade e do bem fazer—um nobre sentido, não só teorico mas sobretudo pratico. E' incapaz dum egoismo—mesmo dos chamados humanos ou duma transigencia das que lisonjeiam a fúria dos finórios! Calcula tu se

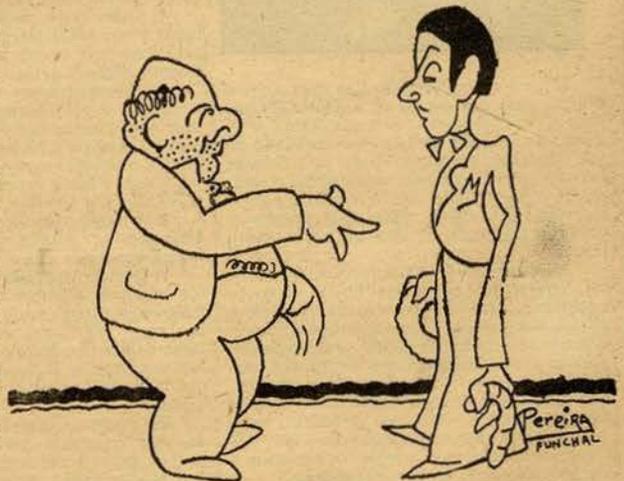
tenho ou não motivos para estar apreensivo com o futuro do meu filho. Como todos os paes sonhava, para ele, um triunfo doirado e vasto, duchado pelas niagaras da Fortuna e tocado pelos faustos da gloria. Sonhava ve-lo um dia senhor de todas as chaves da ventura admirado influente poderoso, feliz, cortejado—invejado até! Mas o destino contrariou todas as minhas utopias desfez todas as minhas ambições. E foi tão cruel, nessa maldade, que não se contentou em dar ao pequeno um só defeito dos que podiam dificultar-lhe a marcha para estrada da vida: negou-lhe todos os dons, todas as condições, todos os recursos morais e espirituais da victoria, Fe-lo inteligente e bom e nós, eu, minha mulher, os avós—agravaram a natureza, educando-o de forma a torna-lo inutil—ou pior: negativo para a vida.

«Era necessario criarem-se escolas, universidades, ginásios onde as creanças atrofiassem até a catalepsia o espirito, a alma, o cerebro, desenvolvendo, ao mesmo tempo, as virtudes indispensaveis á luta: a ambição—quando menos legitima mais... impetuosa; a insensibilidade, o disfarce, o egoismo, a deslealdade, as mil técnicas da traição, o servilismo, sempre oportuno e profícuo ante os fortes; o despotismo e a impiedade ante os fracos, e sobretudo o cinismo—ah! o cinismo, a firmeza na mentira, na navalhada, na rasteira, no guet-à-vent!»

«Era necessario criarem-se universidades da infamea, sanatorios para os sinceros, para os leais, para os intoxicados da honra, para os tuberculizados do bem—para que se curem, para que venham para a vida municiados segundo as exigencias da Grande Batalha quotidiana! Professores? Mas não faltam! Professores, catedraticos, sumidades da ignominia, pediatras da dignidade, especialistas da burla—continua! Revolto-me quando ouço evocar exemplos de honra e de natureza moral, buscando contrastes com os desavergonhados que se guindam, em varios campos do commercio, da financa, das artes, das letras—e até do teatro! Revolvo-me quando esses invenedores da mocidade citam o Taveira, o Souza Bastos e outros como spcimens dos empresarios teatraes honrados e dignos. () que era preciso era evocar os modernos que vencem, os illusionistas del juego de lucros, os fakires, os malabiristas das bilheteiras. Esses sim—é que são modelares: esses é que devem servir de exemplo, de catecismo, de manual aos que comem».

Uma onda de sangue congestionára as faces, habitualmente lividas, do meu amigo Caldas! E nenhum de nós, teve coragem—nem argumentos para rebater a sua exaltada, imoral—mas lógica, legitima—teoria! E quantos paes, ante a apoteose diaria da nulidade e do embuste, esmagando o valor, a virtude, a boa vontade—não pensarão como ele?

REPORTER X.



—Venho pedir-lhe a mão de sua filha...
—Impossivel! Ela é maneta de ambos os braços...

reporter

O SEMANARIO
DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO DE PORTUGAL

GRANDES REPORTAGENS E CRÍTICA A
TODOS OS ACONTECIMENTOS DE SENSAÇÃO NACIONAL E ESTRANGEIRAS

Sai ás sextas-feiras e é posto á venda simultaneamente em todo o pais

PROPRIEDADE EXCLUSIVA DE C. GAL

Director e Editor
BEINALDO FERREIRA
(REPORTER X)

Chefe da Redacção
COSTA JÚNIOR

Redacção, Administração e Publicidade
Rua do Loreto, 42-1.º - TEL. 25.787 e 28249
End. Telegr.: I REPORTERX - LISBOA

Composição e Impressão

Tipografia das Publicações **AVO**

Porto - Canele Velha 39

PREÇO DE ASSINATURAS

3 meses—série de 12 numeros—Esc. 11\$50
6 „ „ „ 25 „ —Esc. 22\$50
12 „ „ „ 52 „ —Esc. 44\$50

Para as Colónias e Estrangeiro acrescentar os respectivos portes

PAGAMENTO ADEANTADO

Este número do
"Reporter X" tem 16
paginas a duas côres,
custa 1\$00 e foi visado
pela Comissão
de Censura

Os tentáculos da Companhia de Jesus em Portugal

Um episódio triste e sintomático desenvolvido em Lisboa, em 1923, com personagens nossas conhecidas e que se tornou agora oportuno revelar

HA catorze anos, pouco mais ou menos—estabeleceu-se uma livraria mui modesta, nunca dessas ruas silenciosas, sombrias e tristonhas da Baixa que formam como que os bastidores do grande palco à Chatelet, que é o Rocio. O seu aspecto exterior era de alfarrabista—e na penumbra interior parecia que uma poeira secular velava os estendões de volumes. O unico habitante do estabelecimento—gerente? caixeiro? servente?—era um moço, desses de quem se divinha uma educação quasi inquisitorial, duma gravidade precoce imposta pelo terror... No todo—dava a impressão dum seminarista disfarçado. Era pálido, olhos bogalhudos de miopia, olhos grossissimos—fato negro, gravata negra, botas pretas... O que mais intrigava era a frequência. Raras vezes espreitava para lá, ao passar na rua, que visse clientes a entrar, a sair ou a serem atendidos, junto ao balcão.

A minha curiosidade aguçou-se quando, um dia, poucos mezes após o inicio da minha observação, notei que se operava uma não mui lenta metamorfose no unico habitante da casa ge-

rente? caixeiro? servente? A metamorfose alastrava-se do traje aos modos, do sorriso aos olhares. Os olhos vulgares, de velho porteiro foram substituidos por outros d'aro de tartaruga. Os colarinhos, severos, engomados e o *plastron* que lhe ocultava o peitilho tinham dado lugar a uma camisa de vistosa seda amarela, com colarinhos e punhos iguais—sobre a qual um laço inglês, vermelho, salpicado de azul, abria as suas azas garridas. O fato severo, de seminarista desapareceu—e o seu actual alfaiate preocupava-se com as ultimas modas de Londres. A caranca tristonha e palida, de melancolico e despectico iluminou-se num sorriso franco e juvenil, sadio e otimista; e os proprios gestos, tão ritmicos, tão angulosos, tão pautados ganhavam a desenvoltura de aves desenjauladas.

Habitara-me por tal modo a considera-lo um seminarista em ferias tristonhas (raro era o dia que não passava, uma, duas vezes, frente à sua casa) que este fregolismo, material e espiritual, pasmando-me—me alegrou. «Ainda bem!» pensava. Este pobre moço estava condenado a chegar a velho e a cadaver, sem ter provado um só dos prazeres a que a mocidade tem direito legitimo—e sem offensa à moral nem aos deuses!



... Um jesuita, conduzido entre baionetas, após o triunfo da revolução de 5 de Outubro ...

Uma noite, acompanhando alguns artistas da primeira Companhia de Bailados Russos que esteve em Lisboa, em S. Carlos,—entrei no antigo «Palace-Club»—onde está hoje a Associação Commercial; e então a minha surpresa atingiu o rubro ao dar com o ex-tímido e desageitado seminarista de *smocking*, charuto, abancado com um casal vistoso, estrangeiro e hebericando *champagne* entre, risadas de optima disposição. Tomamos meza proximo da sua e ao pedir a conta ao *maitre* notei que a pronuncia do imprevisito *noceur* escorregava para um castelhano agalegado—embora falasse português...

Rodaram cinco anos. Uma tarde, em Janeiro de 1923, vagueando pela cidade que eu não via desde 1918, passei, por acaso pela rua onde outrora estivera a livraria. Mas a livraria com o seu misterioso gerente ou caixeiro ou servente tinham-se sumido—e era substituida agora por uma leitaria igual ás centenas de leitarias que enxameam Lisboa. Alguem que me acompanhava pressentiu o meu pensamento e disse-me:

«Ficaste admirado por não encontrares a loja de D. Antonio de Jesus? Sim... aquêle rapazinho que lá estava—chamava-se Antonio de Jesus (1) e tinha *dom*. Não sei se chegaste a vêr a transformação que se operou nêle... Coisas da vida... Durante muito tempo a sua vida era pautada, metódica, mais severa do que muitos sacerdotes. Habitava numa casa apalaçada, para as bandas da Graça tendo ao serviço apenas creadas velhas ou creados estilo ratos de sacristia; levantava-se cedo, ia confessar, comungar e ouvir missa—vinha para a loja; trabalhava até á noite como um mouro (o principal negocio da loja não era o de vender livros)—e mal fechava a porta dirigia-se a pé para casa, deitando-se a seguir ao jantar e após as rezas nocturnas. Um dia—quiz o destino que viesse á porta da loja e reparasse numa vizinha do prédio fronteiro—que se debruçava á janela, na eterna *billhotice* lisboeta. A partir dêsse minuto—Satanaz já não deixou aquela alma em descanso... Um sorriso irónico da visinha fê-lo corar e compreender o ridiculo da sua aparência. Mudou de fato, de modos, de olhos... E como se não bastasse a tentação do amor veio a amizade com um estroina—o F... da C.,—que o desinquietou e o levou até aos clubs e aos bastidores de teatro de revista—onde a tal visinha era *girl*. E' pelo F... do C... que eu soube estas—e outras particularidades da vida de D. Antonio de Jesus. Uma bela noite chegaram de Espanha dois cavalleiros mal encarados, d'olhos negros—o que os tornava mais sinistros, mais lugubres que foram directamente da estação para a casa de D. Antonio, na Graça. D. Antonio ainda não entrara—pudera! Nunca recolhia antes das 3 ou 4 horas—quando não pernoitava fóra... O que se passou depois—ignoro e ignora F... do C... Este admirou-se, na manhã seguinte, ao vêr a livraria fechada.

(1) Por um escrúpulo natural mascarei o verdadeiro nome com um pseudónimo. (N. do A.)

Se não existisse o Coral o mundo seria outro...



O homem, embevecido nas suas obras e ciência, preocupado com as dificuldades que para a sua propria existencia creou e se chamam «deveres sociais»—no turbilhão do seu caminhar apressado para o inevitavel fim—raramente suspende o seu passo e repara nas coisas infimas que o rodeiam, e algumas são, na verdade, das mais poderosas obras da Natureza. E não era mau que o fizesse...

A inteligencia humana, porem, desenvolve-se e marcha sempre em busca de novas emoções na ancia de crear; assim, progride a ciência nos seus multiplos aspectos e o homem desnuda realidades e resolve problemas que para os seus maiores foram profundos mistérios. Mas pouco a pouco reconhece tambem, que nada creou de novo e todo o seu enorme esforço científico—obra de verdadeiro Titan—se resumiu emfim, no aproveitamento das fortes realidades que sempre o cercaram e ele só lentamente vai compreendendo... Julga-se Deus e é somente homem...

Sabem, por exemplo, as nossas gentis leitoras que tão elegantemente se adornam com joias de coral, que essas «pedras» simbolizam um dos maiores obreiros da Natureza?

A Darwin,—o grande sabio da evolução, que procura no mistério de todas as existencias a verdadeira razão da existencia do Homem—a vida e a obra do minusculo Coral não poderia passar sem reparo.

Seguido os seus calculos, o Coral que raramente atinge o tamanho de cabeça de alfinete desenvolve em média uma actividade constructiva que permite a cada «familia» atingir a altura de um metro em cada periodo de trinta e quatro anos, até alcançar o nivel dos mares,—formando ilhas, aumentando os continentes e fechando canais...

E assim foram possiveis muitos arquipelagos e se transformaram alguns continentes, pela actividade destes minusculos *Zoophytes* durante milhões de anos.

A obra gigantesca d'esses infimos colaboradores deve o Homem a realização dos seus melhores monumentos porque do Coral provem tambem a rocha e a cal com que se fabrica o cimento e se constroem as casas...

Como é fraco o poder humano perante realidades tão fortes!

Nos meios científicos estudam-se neste momento as possibilidades do aproveitamento directo do Coral nas construções.

O grande explicador inglês, A. Blackfiston acaba de descobrir nas ilhas de Ju Katon e Maianas, vestigios de verdadeiras cidades fundadas 900 anos antes da era Cristã, cujas habitações, templos e fortificações foram construidos exclusivamente com Corais, que tambem formam a base d'esses arquipelagos.

Eis como o Coral é bem mais valioso do que o julgam certamente muitas das nossas gentis leitoras que tão elegantemente o utilizam como simples adorno pra os encantos da sua beleza...

VIDAS SOMBRIAS

Uma criança esteve empenhada num hotel de Braga



Frederico Serra
e Gracinda Simões,
os «Luzos»

Os bas-fonds das grandes cidades!... A vida trágica das capitais!... Os expedientes uzados por aqueles que não querendo trilhar a estrada ampla do trabalho tudo trocam e tudo deixam tantas vezes num paradoxismo incompreensível, por uma vida mais difícil e não isenta de perigos, como aquele caso relatado não há muito tempo pelo «Reporter X» e que tanta emoção causou, o caso da «mulher que brinca com a morte». Casos como aquele são infelizmente menos raros do que pôde supor o leitor despreocupado que num canto recondido da provincia, ignorante das masélias que vão pelo mundo, gaba a fantasia dos jornalistas, desconhecendo que a vida, com as suas tragédias, as suas dôres, as suas lágrimas, supera e vence a Fantasia mais romanéscica.

O caso atraz referido foi o conductor que trouxe até ao dossier onde arquivamos os assuntos desta natureza, a tragédia gorkiniana de outros pseudo artistas que sob os nomes mais pomposos e mais diversos tripudiam a bom resguardo da policia que ás vezes parece desconhecer o lódo de que são feitas certas almas.

Quem são as «Águias Humanas» que toda a provincia conhece

Um dos casos que no referido dossier esperava um momento de oportunidade na maré alta de assuntos que tem sido os ultimos numeros do «Reporter X» é aquele que se refere á troupe de artistas que com os nomes de Os Luzos, Os Lussis ou os Luzi and Geni, ainda as Águias Humanas, etc., tem percorrido Portugal inteiro de norte a sul, nuns momentos fazendo os mais arrojados exercicios, outros intitulado-se pedestrianistas que a pé estão dando a volta ao mundo e vendendo postais com os quais se mantem, embora mal, outras vezes ainda recorrendo aos mais extraordinarios expedientes, tão extraordinarios que ás vezes obrigam á intervenção do... administrador do concelho.

Ele chama-se Frederico Serra e nunca teve profissão conhecida. Depois de dar a volta a

Portugal a pé e outra vez de bicicleta, vendendo postais com o producto dos quais se mantinha, tratou de mudar de negocio. A volta ao mundo dos que nunca deixam o país ou mesmo Lisboa, é já uma coisa frequente, por ser tão uzada não pode ser negocio para ninguem. Assim o entendeu o Frederico Serra que tratou de procurar outra forma de interessar o público pela sua permanente exploração da credulidade alheia. Se bem que pensou melhor o fez. Passados tempos, explorando um truque já muito conhecido e uzado por artistas de circo, o nosso artista, é assim que ele se intitula—depois de grandes reclames nos jornais, pagos a tanto por linha fazia travessias por um cabo de aço, seguro pelos dentes.

Mas, mesmo assim, continuará a arte sendo ingrata para quem insistentemente pretendia servi-la. Frederico Serra vendo fugir-lhe os escudos e a vida folgada com que tinha sonhado, resolveu fazer-se empresário e constituir um núcleo artistico que uzava aqueles nomes, mas que se fez conhecer, principalmente, pelo de «Águias Humanas».

Uma criança empenhada num hotel...

Para chamariz do publico nada melhor do que uma mulher—pensou o antigo pedestriana agora feito empresário.

Começou então a trabalhar com ele uma pobre mulher, antiga frequentadora do Abadia, e os dois acompanhados duma filha dela, uma pequena de 3 anos que bem cedo começou conhecendo as agruras da vida, iniciaram uma peregrinação pela provincia, correndo o país de lés-a-lés, hoje estando no Algarve, dois dias depois no Minho, agenciando uns magros escudos que mais fáceis seriam de ganhar trabalhando.

Depois de estarem aqui ou além, e de uma estadia de dois ou três dias num hotel, como não havia o dinheiro preciso para pagar a conta respectiva, deixavam a pobre criança empenhada até que alguém, condoída da sorte da infeliz a resgatava pagando o debito ali deixado pela mãe e... pelo empresário.

Assim sucedeu em vários locais, como por exemplo em Braga, no Restaurante Carneiro onde a criança esteve algumas horas como penhor do debito de setenta escudos.

Um «para-quebras» que podia ser fatal...

E por alguns anos continuou a peregrinação pela provincia, numa vida de nomadas incorrigíveis e pouco honestos. Mas as escadas já não rendiam coisa que se visse, e os Luzos sentiram a necessidade de remodelar o seu portofólio. Frederico Serra que tem o génio de inventar modos de adquirir dinheiro sem trabalhar, logo planeou um para-quebras com o qual se devia atirar a desgraçada Gracinda Simões, pois ele entendeu que a sua pessoa era por demais preciosa para assim se arriscar a uma

morte quasi certa. E' natural e todos sabem, os para-quebras são constituídos numa tela especial, bastante resistente para que se não desmanchem no caminho. Como não havia dinheiro para a tela, o Frederico Serra que não fazia tenção de se utilizar dum aparelho que tão precárias condições de resistencia oferecia, não se atrapalhou—construiu o aparelho em pano vulgar. O resultado não se fez esperar: quando o para-quebras foi experimentado no Palácio de Cristal, no Porto, a Gracinda veio estatelar-se no chão e quebrou uma perna.

Mais exercicios fatais

Não foi a unica vez que foram desastrosos os exercicios do Frederico Serra, havendo sempre a notar a coincidência triste e comprometedora de sempre que há desastre, o empresário não ter tomado parte. Sucedeu assim no Porto, em Olhão foi a mesma coisa, o mesmo tem sucedido noutras localidades que seria fastidioso enumerar.

Os últimos exercicios realizados pelos acrobatas Gracinda Simões e Souza—é assim o nome artistico de Frederico Serra—realizaram-se em Lisboa, na chaminé da Companhia das Águas em Alfama.

São assim tantas vidas sombrias de Lisboa. A grande força moral do Reporter X, compete torna-las conhecidas do publico pois não há campanhas, nem ameaças que nos obriguem a trocar a linha de conducta que desde o primeiro número traçamos:—não transgirem com o crime qualquer que seja a sua camouflagem.

REPORTER DIAVALO

O julgamento dos autores da tentativa de burla feita contra o «Reporter X»

Alguns diários de Lisboa, Porto e Coimbra publicaram nos dias 24 e 25 de Fevereiro, findo, a seguinte noticia:

Está marcado para um dos proximos dias do mês de Março o julgamento, no 4.º juizo criminal da Boa Hora, de Idílio Ferreira e José de Lemos, arguidos do crime de tentativa de burla, por terem subtraído da casa onde estava depositado um envelope com a solução do curso de combates navais promovido pelo semanario Reporter X.

«Código do Imposto nas Transmissões»

Rec-bemos um grosso volume da autoria do sr. Armando Nobre, contendo o «Código do Imposto nas Transmissões», livro muito util a todos os funcionarios de finanças, magistrados, notários, conservadores do registro judicial, advogados, solicitadores, contribuintes, etc., etc.

Ao sr. Armando Nobre, distinto chefe da repartição de finanças do concelho de Almada, os nossos agradecimentos.

UM CASO COMPLICADO

O QUE É O DESFALQUE DA VACUUM



José Figueirêdo dos Santos, o autor do desfalque da Vacuum

O caso do roubo de quatrocentos e sessenta e oito contos praticado na Vacuum pelo caixa respectivo, José Figueirêdo Santos, o *Josézinho*, de que nos ocupamos há dois números, tem muito mais de sensacional do que a princípio supuzemos.

Era nossa intenção não interromper a publicação do que fosse apurando, já no caso em si, já das ligações do Figueirêdo Santos com aquele outro caso, muito mais escandaloso ainda, conhecido pelo da *Morgada da Apariça*, ligação à qual nos referimos também no nosso primeiro artigo.

As circunstâncias, porém, inibiram-nos de poder cumprir o nosso desejo, tão complicados são ambos os casos e tais os interesses que giram à volta deles, interesses que provocam uma reacção de defeza que dificulta ao extremo a missão do *reporter*. Mas como a nossa única preocupação é pôr a nu a verdade, *dão a quem doer*, não nos poupamos a esforços para o conseguir, indo até onde for preciso ir, sem desfalecimentos, através de todos os escolhos e sacrifícios, na ânsia sempre crescente de cumprir o nosso dever.

Esperavamos poder já neste número iniciar essa enorme e necessária campanha de moralidade, isto é, a descrição de todas as manigâncias feitas e em curso em redor da *Morgada da Apariça*, o mesmo é dizer à volta da sua avultada fortuna. Não o podemos fazer, não só porque ainda não conseguimos colher todos os elementos de reportagem necessários, mas também porque o *Josézinho*, tendo colocado a questão sob um aspecto, cujos interesses adiante se verão, nos obriga a tratar neste artigo, sómente, do destino que deu a uma

O «Josézinho» ludibriou a policia? — Para onde foi o dinheiro roubado? — Estão certas as contas da cooperativa dos empregados da Vacuum? — Qual a importância do desfalque? — Uma letra de oitenta contos.

grande parte do dinheiro que roubou à Vacuum, bem como de toda a sua acção como caixa da mesma e da sua ligação com outros elementos.

Uma explicação aconselhada ou a maneira de encobrir responsabilidades

Sem querermos interferir na acção da policia e muito menos tomar-lhe o logar, cumprindo-nos até constatar que os agentes Jerónimo e Lains, da P. I. C., foram incansáveis nas investigações necessárias à formação do processo que organizaram e acompanhou o *Josézinho* para o tribunal, já porque não nos é lícito guardar para nós o que só ao público que nos lê pertence, e trazer para aqui factos inéditos que muito contribuirão para o completo esclarecimento da verdade, habilidosamente ocultada pelo *Josézinho*, certamente por conselho de quem pelas prerogativas da sua profissão e situação perante o arguido, tinha o direito de aconselhar. Com que fins? E' o que vamos ver.

Explicou o *Josézinho* na policia, que vinha praticando o desfalque desde julho de 1929 e que gastava o dinheiro roubado na doença dum cunhado e num negócio particular.

Pelas nossas investigações apuramos que ele teria declarado que parte do dinheiro gastára nas despesas com tribunais,

provocadas pela acção movida contra o antigo tutor da *Morgada*, para o remover do cargo. Não nos enganamos. O *Josézinho* teria dito assim—e aqui é que está a sua habilidade—mas para encobrir outras traficâncias e talvez para mais alguma coisa que em artigos futuros desvendaremos. Por agora, limitêmo-nos a ocupar-nos apenas do desfalque.

Antes de mais nada, porém, julgamos necessário relembrar que o *Josézinho* confessou à Direcção da Vacuum o roubo que praticára, a conselho do seu advogado, o sr. dr. Mauricio Costa e que, depois disso, se ausentou para parte incerta por oito dias, apresentando-se depois dêsse prazo à policia que o procurava, também a conselho do seu advogado. Posto isto, ousamos perguntar à policia se sabe que o *Josézinho* teve em tempos uma sociedade de comissões e consignações na Rua do Ouro; 232 2.º, com mais dois indivíduos, um dos quais, de apelido Barateiro, que é tesoureiro da Vacuum?

Se não sabe, parece-nos conveniente que investigue o caso e talvez encontre o motivo principal do desfalque.

Verdade é que essa sociedade já foi trespassada a outras pessoas, motivo porque o *Josézinho* está recebendo uma mensalidade, à conta do trespassse.

(Conclue na pag. 13)

Um médico que compreendeu a sua missão social

Os verdadeiros médicos e os «negociantes» da medicina

TEMOS aqui escrito páginas e páginas sobre a nu os *negócios* de dezenas de médicos e de falsos médicos que para aumentar os seus proventos, embora criminosamente, não receiam em fazer verdadeiro charlatismo, desde que a vítima possa pagar... e se deixe burlar. Porque assim é, e a colecção do *Reporter X* é penhor seguro do que afirmamos, sentimo-nos à vontade para exaltar as qualidades de quem, tendo compreendido a delicadeza da missão a que voluntariamente se consagrou, faz da medicina um sacerdócio que exerce devotadamente.

Referimo-nos ao sr. dr. Azevedo Pereira, médico distintíssimo que se destaca entre a vulgaridade de comerciantes da medicina, que em cada doente deixa um amigo. Conhecemos um doente de dois palmos de altura que o dr. Azevedo Pereira salvou duma morte quasi certa. Vimos o carinho com que tratou o seu pequenino amigo, brincando com

ele, exortando-o a ter resignação, a confiar nos seus disvelos, e pensamos quanto feliz seria a sociedade se todos assim cumprissem o seu dever.

Há bons médicos? Poucos. Há maus médicos? Bastantes. O sr. dr. Azevedo Pereira pertence à categoria dos primeiros, e nós, sempre tão prontos em castigar os prevaricadores, não temos dúvidas em louvar sem que isso nos seja pedido, aqueles que dessa honra se tornam merecedores.



Dr. Azevedo Pereira

OS "PASTELEIROS DO MADRIGAL"

O falso D. Manuel II em... Filadelfia

Um aventureiro, Charles Dresn, iludindo a boa fé de duas norte-americanas faz-se passar em Roma e nos Estados-Unidos, como sendo o último Bragança

PARA se compreender, sem relutância ou suspeita de exagero, a mecânica deste fim duplamente real (real por ser autêntico e por se tratar de re) que se desenvolveu até ao inverosímil, sem escândalo nem surpresas—é necessário ter-se uma noção, embora aproximada apenas, do ambiente que lhe serviu de «écran». Os Estados Unidos, formam um outro planeta, dentro da terra. A organização da vida norte-americana e as virtudes—ou defeitos—dos seus habitantes—o seu egoísmo, o seu desprezo posto pelo Velho Mundo, o seu snobismo infantil ante todas as manifestações da realidade—originam disparatados episódios da história contemporânea. E tanto assim que o arqui-

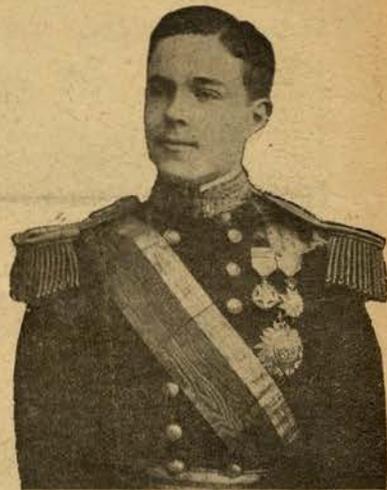
duque Francisco Octavio, cujo paradeiro todos ignoravam desde 1919—vive, com pompas imperiais, numa pequena cidade de Texas subvencionado por varios milionarios que «brincam» aos subditos e aos cortejos—sem que na Europa se tivesse, até há pouco, a minima noticia a este respeito...

... Como foi que Charles Dresn, burlão com cadastró, engendrou o plano de se fazer passar por rei de Portugal? Ignoro! O que sei, sim, é que ainda ha um mês havia quem hesitasse, em Filadelfia, em consideral-o um impostor! Meus contemos a historia tal como nos é de vassada pelo sr. Alberto Correia, um português ha longos anos residente na America do Norte e a quem este jornal deve já um dos seus maiores êxitos: a reportagem sobre Pita Soares.

Miss Eleonor Buckley, solteirona de cincoenta anos, herdeira duma fortuna nababesca, resolveu, em 1925, vir á Europa. Paris estonteou-a; Montmartre rejuvenesceu-a; Londres aristocratizou-a; Italia—o sonho policromo de Veneza, o bruxedo cenográfico da ilha de Capri, o misterio eterno das ruínas de Roma—fizeram dela uma sentimental. E o seu espirito, obsecado pelas belezas antigas do velho continente, já difficilmente se adaptava ás grandezas mecánicas e brutais do seu país. E tanto assim que tendo-se demorado apenas cinco mêzes, na pequena viagem, na segunda travessia—em 1927—deixára-se ficar até principio de 1928; e desde então raro é o ano que não realisa um novo «raid» transatlântico. Uma amiga sua—Miss Denise Thomaz, viuva d um milionario, suggestivada pelas evocações que ela fazia dos encantos europeus, começou a acompanhá-la nestas viagens. Em Roma travaram conhecimento com uma artista—num «grand-prix» de pintura—uma rumaica um pouco aventureira e cujas aventuras e pensamentos difficilmente se avaliam: Mlle Sonia Pedresco. E a partir de então a trindade feminina une-se a Charles Dresn e já não o abandona. Foi um acaso? Foi uma proeza preconcebida pelo celebre burlão? Mlle Sonia Pedresco é que preparou toda a comédia—sendo o falso D. Manuel um comparsa servil da linda rumaica?

Ha poucos anos noticiaram de Roma que a policia prendêra no Excelsior Hotel um cavalleiro que, intitulado-se Duque de Bragança e pretendente ao trono de Portugal, realisára varias burlas quantiosas. Esse falso D. Manuel—era, nada menos do que o «escroc» norte americano Charles Dresn, que em 1917, intitulado-se empresario cinematografico, realisara o film histórico «Cristovam Colombo», escamoteando umas 500.000 pesetas ao director da Companhia dos «Tranvias» e enganando todos os que entravam no film. Fugido de Barcelona, ressurge em Paris, em Bruxelas, em Buenos Ayres, em Havana, em Chicago, deixando sempre um rasto de proezas á Raffles ou á Arsenio Lupin. Em 1924, vem a Portugal, diz-se representante da «Butterfly Films» de Los Angeles que ninguem conhecia—é preso no Porto por falsificações de cheques e outras «escroqueries». Nesta altura surge uma senhora estrangeira que espalha notas, indenemisa os lesados, promete premios fabulosos a bons advogados—e Charles Dresn salva-se mais uma vez...

«The Star» diario de Filadelfia, publicava em 1930, uma reportagem sensacional. Segundo afirmava, tinha chegado aquela cidade, hospedando-se em casa de Miss Eleonor Bretley, uma



D. Manuel II, o último Bragança

alta individualidade europeia, que vivia cercada pelo misterio. Em redor dessas personagens a aristocracia do dolar de Filadelfia, bataba-se de vaidade, formando, ao mesmo tempo uma conjura cujo objectivo o reporter de «The Star» tardou em descobrir. Tratava-se de D. Manuel II de Portugal, «que o povo português estava ansioso de ver de novo no seu trono (II) mas que, perseguido pelos inimigos ferozes, cruéis, infatigáveis, sofrera na Europa mil attentados, varias ciladas até ao extremo de o arruinarem por completo, deixando-o na maior pobreza. Três senhoras—duas americanas e uma rumaica tinham tomado á sua conta não só a defeza de S. Magestade, como tambem a reconquista do trono. Como primeira medida de prudencia, traziam-no por os Estados Unidos, hospedando, o incognito, m ca a duma delas, e para evitar qualquer surpresa, va ias detectives, assalariados por Mrs. Buckley rondavam noite e dia o palacio da milionaria, ficando sempre, na ante camara do... soberano, dois homens bem armados! Entretanto, organisava-se uma «empresa politica-financiera a fim de se reunirem os fundos necessarios para uma luta sem treguas e para que S. Magestade regressasse á patria e ao trono dos seus avós!

Tudo isto é bem americano—mas se não fosse um exemplar «The Star» que nos enviaram a nossa confusão atingiria o paradoxismo. E' que, illustrando a reportagem, vem o retrato de Sua Magestade e pelo retrato reconhece-se imediatamente... Charles Dresn!

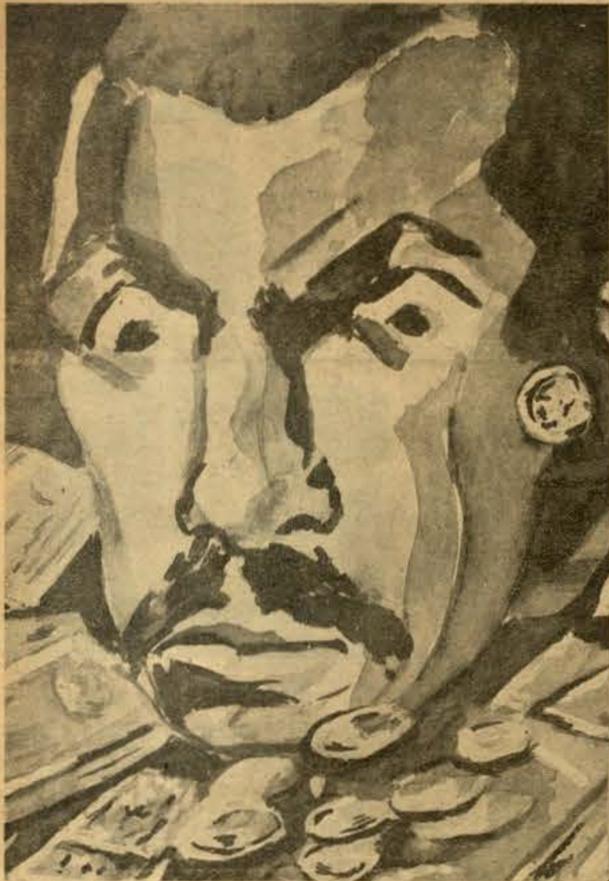
O que facilitou o êxito desta fantastica aldrabice foi o facto de cada cidade americana possuir uma imprensa propria que não é lida pelas outras cidades. Assim como em Filadelfia não existe colonia portuguesa—e a nossa legação está muito distante em Washington e o nos-o consul, naquele local, é um americano—o retrato do falso D. Manuel—não veio destruir a burla inventada pelo Dresn—que, durante não sei quantos mêzes, gosou uma vida regalada, como se fosse, de facto, um rei no exilio.

Em redor dos tronos violenta ou tragicamente desocupados, esvoaçam sempre enxames de lendas e de misterios. Quando o nosso D. Sebastião, sunambulos dos «Lusiadas» se esfumou numa tarde sangrenta, nos ariões escaldantes de Alcacer-Kibir—não faltou quem engendrasses romances, encantados pelo lirismo dum sonho, uns, tecidos pela ambição, pelo maquiavelismo de aventureiros, outros—e muitos, tão

(Conclue na pagina 15)



A trindade feminina de Charles Dresn: Mlle Sonia Pedresco—a pintora rumaica; Miss Eleonor Buckley e Miss Denise Thomaz, as duas milionarias de Filadelfia que trouxeram o pseudo D. Manuel II de Roma para os E. U. A.



As proesas dum rajah minhoto

A escravidão, a impunidade e a hipocrisia



Num dos mais belos recantos minhotos...

se erguia para o céu obra do das vítimas—mais a hipocrisia o exaltava, o venerava, o ajudava, nas suas infâmias, escudando-o contra qualquer esboço de reação ou alafando a menor ameaça de publicidade e de justiça.

...Quantas vezes, ao reviver dentro de minh'alma a tempestade tragica desencadeada pelo monstro que Pinillos criava—suavizava a revolta que sentia—desmentindo o realismo do dramaturgo. «Ele exagera... Estamos

Existe um drama de Pinillos—o autor espanhol com o monopolio do genio historionico de Borrás, como, em França, Sardou e Coquelin, no seculo passado—que se enroscou, como uma obsessão dolorosa, no meu espirito desde que, uma noite, no Teatro de la Comedia, em Madrid, na companhia de Artur Portela, Rogerio Perez e Leitão de Barros, ele me chicoteou a alma, com o latego do seu realismo cruel e brutal. Chamava-se «La Esclavitud».

O assunto é simples. Numa vila castelhana existe um senhor, mais poderoso do que os tiranos do feudalismo, mais influente do que um czar, e dum egoismo duma impiedade sem limites. Todos, á sua volta, são escravos da sua vontade, dos seus planos, das suas ambições, dos seus vícios, dos seus crimes. Não existe moço na vila, marido ou pai que possa reagir e defender a honra da noiva, da esposa, da filha—contra o assalto do bocal rajah (que após as ceias luculianas, de *paella* e *cocido*, regada com Rioja e entre aplausos dos servis seqüazes, escolhe ao sabor dos seus apetites de bêbado, as mais puras e belas virgens do povoado, para as desfolhar, maculando-as, estigmatizando-as com o ferro em brasa da sua posse violenta e para as abandonar depois, entre bocejos e blasfemias. Era tão forte, este sultão provinciano, tão rico, tão insensível ás lagrimas, á dor alheia, tão cruel na vingança, tão despotico nos seus desejos—que quanto mais

no seculo XX... Longe vão os tempos negros e tenebrosos da Idade Media em que cada senhor feudal, fornecia á vontade carne para a fôrca, que era como que um ex-libris do seu poder ilimitado—sem dar satisfações nem a Deus nem aos homens! Um monstro assim é uma caricatura de mau gosto, um alceião doentio da fantasia dum torturado!».

Que ingenuo que eu era! «La Esclavitud» de Pinillos existia, mais cruel, mais hipocrita, mais dolorosa ainda—e não para lá da fronteira—mas sim a poucos kilometros dos meus olhos, numa dos mais belos e ternos recantos minhotos... E como é possível—perguntarão, como eu perguntei a mim mesmo—que durante anos e anos, um maquiavelico dos seus proprios vícios e apetites, dos seus egoísmos sem escrúpulos sem temors, sem limites—desenvolvia, dia a dia, a sua obra daninha, rasgando as almas mais puras, destruindo as honras mais sinceras, sem que ecôe pelo ar, um brado de revolta, um berro de rancôr, um grito de socorro? Como é possível? Ah! E que esse monstro preparou-se para o trinno constante da sua ignominia—como os outros se preparavam para uma luta legitima digna e nobre. Senhor de teres e haveres, sem consciencia nem sensibilidade muralhou-se, entrincheirou-se; estendeu tentáculos, enroscou-os á volta de todas as gargantas; afivelou mordanças, sitiou as victimas, cortou as retiradas ás que podiam fugir-lhe; e como na contra regra dos teatros, caminha na vida cercado de

maquinas que produzem o som continuo do tilintar de libras—para que as vozes mais energicas enrouqueçam—ao ouvi-las.

Mas não ha l'em que sempre dure—nem infamia que não acabe! Talvez este autor da «Esclavitud» real, tenha de rematar agora a sua carreira de l'ôdo e lama—visto que, pela primeira vez na sua vida, encontrou pela frente quem não se deixa amedontrar pelas ameaças, seduzir pelo suborno, nem desanimar pelos atricos que lhe espalham pelo caminho...

Foi no ano de 1914 que o snr. S. P. surgiu em C...—um bouquet suspenso no jardim minhoto—vindo de Sto. T... do Hotel U..., onde brincou com os berloques da sua grossissima corrente de ouro, acamou as ultimas madeixas de cabelos, cuja tinta parecia escorrer para os vidros dos seus oculos fumados, circunvagou a vista—e começou a obra.

Ignorando os antecedentes do cavalleiro e dispondo êle de recursos dignos dum Zaconi da vida real, rapidamente criou á sua volta a fama de uma alma sã, de um coração magnanimo, dum desses predestinados do Bem, que vêm a terra com a missão de enxugar lagrimas, lançar balsamo nas feridas, de substituir o fel pelas doçuras dos ceus. E' que o cavalleiro



entonteceu-a até á anestesia da alma...

«La Esclavitud» de Pinillos e a realidade.—O einico que fórma harenas e creches, entre lagrimas e foguetes.—Como começou a obra infamante do sultão minhoto.—As primeiras victimas.—O paraizo transformado em Inferno

lheiro falava como um messias; as lagrimas segregavam, disciplinadamente, correntes de pranto, ao menor sofrimento alheio—indignando-se, sem colera, contra a maldade do mundo, e alegrando-se, até ao entusiasmo, pela ventura dos outros... E assim foi atraindo simpatias, conquistando amizades. Apesar de casado, e pai de filhos—começou a cirandar em redor de uma pobre moça, tão virtuosa como gentil que se deixou levar pelas bur-las donjuanescas do sujeito. A pobre seduzida deixou-se raptar sendo levada para o Porto onde ele, fartando-se em pouco tempo, a abandonou. A desgraçada, voltando humildemente, foi suplicar o perdão dos seus que sendo gente pobre, mas honesta e generosa logo lhe perdoaram. Entretanto, o sedutor, lambendo gulosamente os labios, voltava a—St. T..., como se nada se tivesse passado. Este atrevimento valeu-lhe um dos poucos castigos que sofreu até hoje: uma energica sova de varias senhoras da terra.

A série começou aqui (a série ao alcance das nossas informações) mas é tão longa, tão vasta, tão variada, que difficilmente pode ser reunida num só artigo. Poucos mezes depois foi uma outra joven de nome Joanhina, de St. T..., que êle inutilizou, arrancando-a das promessas dum noivo serio, para a devolver, maculada pela desonra e em vespuras da maternidade. Quasi simultaneamente, invadindo um lar honesto de C..., pertencente a uma pobre familia de humildes trabalhadores—valendo-se sempre das suas falas, suaves e hipocritas transformou num inferno de vergonhas e de lagrimas aquella existencia que decorria venturosa e tranquila. Começou por entontecer, até a anestesia da alma, a esposa do amigo, dono dessa casa—mãe de quatro filhos, levando-a pela mais ignobil das *chantages* ao adulterio. E como se não bastasse esta desonra—perleu a filha mais velha da sua amante. Mãe e filha, ao despertarem desse sonho fatal não tiveram cora-

gem sequer para afrontar a vida—finando-se ambas, em poucos mezes, entre horriveis inquisições da propria consciencia—enquanto, o marido e pai enxovalhado, enlouquecia de dôr, incapaz da menor reação contra o infame que abusava da sua confiança e da sua lealdade...

Morreu ha dias esse pobre homem, e, com que descaro e hipocrito sentimento o snr. S. P. dirigiu o funeral!...

Mas as victimas dessa infame formam um imenso elenco. A sua hipocrisia levou-o até ao desafôro de fundar uma creche—com discursos lacrimogêneos e prantos sentimentais—na qual recolherá um dia, se chegar a funcionar, apenas uma parte dos muitos filhos... a cuja paternidade êle não poderá esquivar-se. Mas a

grande maioria percorre as estradas—na miseria de vagabundos.

A biografia deste monstro—a que nem o sangue da tragedia falta—juntam-se crimes de todos os tons—e as proprias senhoras da sua familia se esquivam, a medo do seu contacto. E quando um homem mais impulsivo tenta vingar a honra ultrajada ou quando uma testemunha procura revelar toda a verdade—o seu odio ou seu oiro tudo abafa, tudo paralisa, tudo esmaga...

Mas... a procissão vai ainda na praça. No proximo numero continuaremos o fo-lhetim.

R. X.

O êxito das nossas reportagens

Vão sêr tomadas providências contra o ladrão do ouro de Angola

Causou o mais re-tumbante successo a nossa reportagem sobre o roubo do ouro de Angola. Numerosas cartas nos têm sido enviadas por velhos coloniais que, conhecedores do secular escandalo, não tiveram de deixar de nos dirigir penhorantes palavras de aplauso e incitamento.

Por sua vez, alguém, na sombra, dirigiu ao autor da reportagem, o nosso camarada Ferreira da Costa, uma carta de ameaça.

Sorrimo-nos ao vêr que ainda existe alguém tão falho de senso que ousa supôr intimidarnos com palavras tão tôrvas como idiotias.

O «Reporter X», dentro da justiça e da verdade, não teme ameaças nem se preocupa com a miséria moral daquelle que, como os garôtos, arremessam a pedra e fogem presurosamente, com receio dum puxão de orelhas.

O ouro do rio Lom bige, em Angola é, há séculos, roubado ao Estado português!

O ladrão é o Ralf Swit Cardoso que, para alcançar os seus fins, não têm vacilado em



Ralf S. Cardoso, o ladrão do ouro de Angola

cometêr os crimes mais sangrentos e em provocar rebeliões nos indígenas da região dos Dembos.

Acusamos publicamente esse individuo repugnante!

Sabemos perfeitamente que muitos dos cavalleiros de industria que, cobertos por uma falsa moral, fazem de Angola um campo de manobras, vêm com máus olhos o nosso propósito de desvendar os segredos da vida angolana.

Porém, é ainda cedo, para se alarmarem...

Que esperem as reportagens que iremos inserindo no nosso jornal e verão, decisivamente, como lhes arrancamos as máscaras e apontamos publicamente os seus nomes...

— Informam-nos que em face da nossa reportagem, as estâncias superiores vão tomar sérias providências no sentido de recompensar as façanhas do neto de frade negro.

Isso constituirá a nossa maior recompensa!

Estamos satisfeitos!

A Hora Fatal das Cidades

ESTA reportagem (?) sobre a «Hora Fatal das Cidades» — nasceu num desses momentos d'extase, em que a alma, o cerebro, os sentidos — e a propria Naturêsa que nos cerca parecem estacar toda a vibração da vida. Foi ao cair da tarde, após um dia anémico, ora sombrio ora raiado por alguns sorrisos de sol amarelento, doentio, um sol que entristecia, que acabrunhava como um mau agoiro. Tinha sido tão brusca a mutação para poen'e e tão lenta a tinteagem negra do anoitecer — que os tons violáceos que empapavam o scenario citadino — se alastraram como manchas de gangrena em carne virginal. Dir-se-ia que a tarde, entrara, agonisante, naquele minuto supremo do dia — e que a morte a fulminara, antes da noite deixando-a assim, ao abandono, numa decomposição de luzes que se esverdeavam sem se apagarem...

... Fazemos horas para jantar o meu amigo e eu num vai-vem de sunambulos, pela Praça dos Restauradores. Ambos nos sentimos debruçados sobre a mesma tragédia angustiosa, subtil e invisível, daquele poente cadaverico. Lisboa estava como que fechada numa ampola de cristal fôscico que nos asfixiava. O proprio bru-ha-ha, orquestração de mil vozes, de mil ruídos, era amordaçado, vindo d'além fronteiras do involucre que nos sequestrava, como éco de uma vida distante e não da nossa propria vida, da vida que nos cercava... Ao movimento faltava-lhe som; ao som faltava a imagem tudo num *au relanti* aflitivo, de pesadelo... E o sol, que já partira, que nada tinha a fazer na terra, deixára, no horizonte uma golfada vermelha, como vestígios num lenço azul, da ultima himoptise de um tuberculoso já no seio da morte...

—As cidades, todas elas, teem, como nós as suas horas alegres, as suas horas

Todas as cidades tem a sua hora fatal; e Lisboa, desde a conquista aos mouros, até hoje, sofreu todas as suas fatalidades ás...

... 9 horas e quarenta e sete minutos

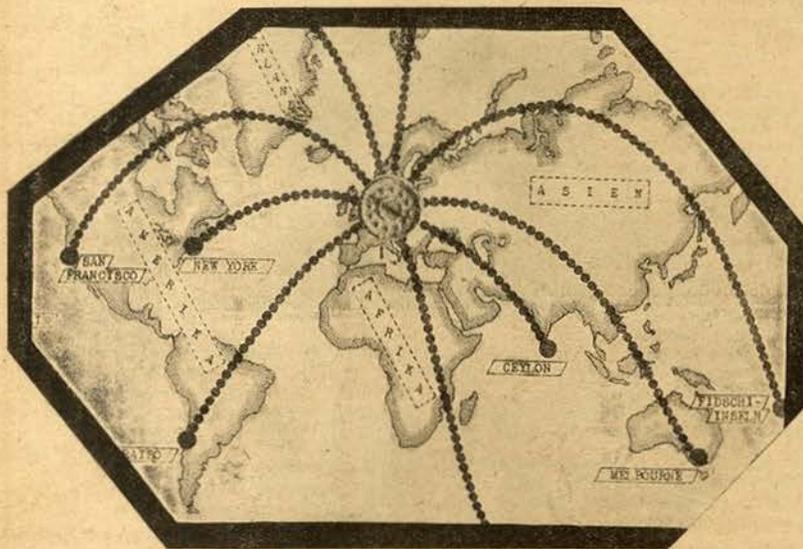
loucas, as suas horas tristes, as suas horas trágicas, as suas horas fataes! — disse, por fim, o meu companheiro de neura. — Vi Paris, na sua hora de orgia — e vi-o do ultimo andar do meu hotel, quando o silencio era abolutto e as ruas pareciam um palco, após um espectáculo. Mas a orgia que se anichava pelos *caveaux* de Montmartre, pelas *garçonnieres* da Etóile, pelas *fumeries* dos Campos Elyses, pelos cafés de Montparnasse era apenas uma obediencia á hora — uma hora empregnada de sensualidade, num seio voluptuoso, nú de nuvens, enjoiado de estrelas — palpitando no ar os beijos raivosos, carnívoros que se trocavam, áquela mesma hora, entre milhares de bocas... Adivinhei a hora feliz de Londres, ás seis da tarde, a hora dos que a ganharam após um dia de labuta e que dando o braço á mulher que amam, realisam todo o programa de ventura, numa jantara a ingenua nos *restaurants* economicos do *trust* «A. B. C.» ou numa sessão de cirama de West-End. Mas de todas as horas, aquela que mais me impressiona, aquela que chancela e autentica todas as outras — é a hora fatal. Você nunca pensou na hora fatal das cidades?

«Foi, não num poente trágico como este — mas sim, numa manhã que despontava, mais lugubre e enervante do que este entardecer — que eu presenti a hora

trágica de Lisboa. Eram nove horas e quarenta e sete minutos! Os meus olhos tinham-se fixado no relógio da *gare* do Rocio quando ouvi um estampido que parecia subir do Inferno! Oito victimas inocentes! Refleti, folhieii livros — e todas as grandes tragédias de Lisboa, todas as fatalidades colectivas — vinham, pontualmente aquela hora! Começemos... por onde a nós a vista alcança. A cidade era dos mouros. A hora fatal para eles — foi aquela que os invasores a tomaram. E sabe a que horas caiu Lisboa em poder dos cristãos? A's nove horas e quarenta e sete minutos! São dezenas as coincidencias dez-nasas provas eloquentissimas do que afirmo — mas citar-lhe-hei apenas os factos de maior claridade. A noticia da derrota de Alcacerc-Kibir, chegou a Lisboa — ás nove e quarenta e sete minutos! Como posso eu garantilo até á minucia dos minutos? Pela mesma tecnica de deduções que me guicu na precisão da tomada de Lisboa. A missa campal da soldatesca foi realisada ás oito e meia da manhã; partindo dessa informação, totalizando todos os gastos de tempo que se interposeram á queda da porta da cidade — dá uma hora e quarenta e sete minutos. O cardeal saía da missa, quando soube da noticia da derrota das nossas tropas. Ela fôra recebida, em primeira mão, pelo Nuno Marco — que não quiz perturbar o cardeal antes do santo officio — chegando no momento em que êle saía do seu palacio. Do palacio á igreja, calcula-se sem errar, vinte minutos. Eram, portanto nove horas e quarenta e sete minutos quando a noticia chegou a Lisboa. Mais, passava das nove horas — quando Lisboa teve o conhecimento da perda da nacionalidade — em 1580! Foi ás nove e quarenta e sete minutos que Lisboa sofreu a sua mais dolorosa fatalidade — o terremoto de 1755. Foi ás nove horas e quarenta e sete minutos que o regente D. João embarcou para o Brasil. Foi ás nove e quarenta e sete minutos que Junot e o seu Estado Maior entrou, pelas portas de Arroios, em Lisboa...

«Mas não é só Lisboa que tem a sua hora fatal... em Paris — fixou-a o destino para as 8 horas da noite. Todas as tragédias colectivas parisienses, desde S. Bartholomey até á primeira invasão dos Gothes — estão registadas a essa hora. A hora fatal de Madrid é ás 2 da madrugada: Desde a louca vingança de D. Bello, o incendiário até aos seus ultimos dramas — poucos são os que fojem, por minutos mesmo, da sua hora fatal. Mas as outras cidades não nos interessam... V. já sabe. A hora fatal de Lisboa é ás nove e quarenta e sete minutos.»

Confesso francamente: desde então, não passo uma só manhã sem que eu acorde sobressaltado, ás nove horas e sem que vigie, amedrontado, a evolução do poentei durante quarenta e sete minutos.



História da Medicina

A arte de curar e os filósofos—A songria foi ensinada pelo cavalo-marinho—Medicina dos antigos

Os primeiros documentos sobre Medicina estão envolvidos pelo véu da fábula; é através de trevas, e só com o auxílio de algumas luzes vacilantes e incertas, que podemos dirigir o fio das nossas investigações até à época da Guerra de Troia.

Tentemos, contudo, projectar alguma luz sobre o berço desta arte, até que descendo insensivelmente à época onde os seus progressos aparecem, um horizonte extenso e iluminado se apresenta a nossos olhos. Nada mais interessante e mais digno de fixar a atenção do filósofo, do que o espectáculo da marcha e dos progressos do espirito humano, numa ciência que tem por objecto a conservação dos seus semelhantes, e cuja história está intimamente ligada à da Filosofia. Infelizmente os seus progressos tem sido muito lentos, e muitos séculos tiveram que passar antes que tivesse merecido o nome de ciência; o mesmo, porém, aconteceu com todas as ciências que tem por base a observação e o raciocínio.

Mas se os nossos conhecimentos são a obra de séculos, e o fruto tardio da observação, não nos devemos surpreender do contraste enorme que separa a medicina na sua aurora, da medicina dos nossos dias; sente-se neste intervalo um vácuo imenso, preenchido por uma multidão de erros e de absurdos—e não é senão através de crepúsculos que chegamos do ponto de partida ao crepúsculo da verdade que hoje nos ilumina.

É provável que a medicina na sua origem não fôsse uma profissão exercida por homens que a ela se entregavam unicamente; mas em que cada um comunicava aos doentes, à sua família e aos seus amigos, os conhecimentos adquiridos pela experiência.

A primeira medicina foi popular; e parece que a natureza a inspirou a todos os homens, como lhes ensinou a preparar os alimentos, as bebidas, a alojar-se e a vestir-se. Ela foi empírica, quer dizer, fundada sobre a experiência e sobre a imitação. Os pais transmitiam-na aos filhos, e ela passou assim, sucessivamente, de geração em geração. Semelhante ao culto da natureza, o empirismo foi uma espécie de instinto, de que encontramos ainda alguns vestígios em certos povos selvagens que ficaram mais perto da natureza do que as nações civilizadas; a civilização quasi que o extinguiu por completo nos grandes centros, como também sufocou o germe das virtudes.

Era assim, pelo menos, na América, o estado da medicina, quando ela foi descoberta. Os seus felizes habitantes não conheciam para os seus males outros remédios, senão os aconselhados por uma longa experiência; e eles curavam-nas prontamente e sem custo. António de Solís diz, falando de Montezúme—imperador do México—que elle tinha os maiores cuidados para enriquecer os seus jardins com todas as plantas do país, conhecendo-lhes os médicos os nomes e as propriedades, e operando curas maravilhosas com remédios simples, sem nada conhecer das causas das doenças. Conta o mesmo autor que, por ocasião da doença que atacou um tal

Cortez, o conselho convocou os médicos, mais hábeis, e que estes, depois de terem variado os remédios conforme os diferentes períodos da doença, deram em pouco tempo a vida e a saúde ao referido Cortez.

O empirismo foi, pois, o primeiro elemento da arte de curar; mas bem depressa, com a curiosidade natural ao Homem, nêle notou o desejo de tentar experiências; e logo a imitação—que é o resultado da observação racionada—algumas experiências aventureiras, sendo umas infelizes e outras coroadas de exito. Percebeu-se que as doenças curavam ás vezes por evacuações espontaneas, tais como hemorragias, diarreias e suores; e que outras, os doentes sucumbiam quando estas evacuações se não davam. Provocou-se, portanto, em afecções similares, evacuações artificiais na falta de espontaneas, depois de ter sido notado o efeito de certas substâncias que a necessidade, o acaso ou a curiosidade tinham feito ingerir, quer ao Homem, quer a animais. Foi esta a origem dos vomitativos, dos purgantes, etc.

O raciocínio levou tambem o Homem, nalguns casos, a imitar o instinto dos animais; a sangria, diz Plíneo, foi-nos ensinada pelo cavalo-marinho que, quando se sente pesado e demasiadamente gordo, deixa o rio em que anda e abre, com o auxilio dum cardo, uma veia da perna, fechando-a depois com limão. Os Egipcios foram os primeiros a usar o clister, a exemplo de íbis—espécie de cegonha—; e Mélampo, no dizer de Hérodoto e de Pansianias, descobriu a propriedade purgativa do elébore, pelo efeito que viu esta planta produzir nas cabras que a tinham ingerido.

Facilmente se conclue que as tentativas



médicas nem sempre foram felizes, e que o seu aparecimento não correspondia constantemente ás esperanças nelas depositadas: as evacuações artificiais, sobretudo, foram ás vezes funestas, mesmo nos casos indicados pela natureza como salutares; foi lógico pensar que o sucesso da primeira experiencia, do tempo e da maneira de as aplicar, é que, para serem úteis, deviam sêr feitas a tempo e em proporções convenientes ás necessidades da Natureza. Não foi, pois, senão após um número quasi infinito de experiencias repetidas e comparadas, que se soube que ha nas doenças um periodo fixado pela Natureza para a expulsão da matéria mortifica, e que a nesta época que as evacuações artificiais são úteis; e que são quasi sempre perniciosas noutras épocas—a não sêr no principio, quando ha causas materias turgescerem. Foi assim que a observação conseguiu recolher os resultados de diversas provas, e formar um corpo de doutrina, que se avoluma com o tempo, á medida que os factos se multiplicavam e que os ensinamentos das historias das doenças cresciam: o empirismo tornou-se então racional, tendo sido lançados os primeiros fundamentos da filosofia médica.

O empirismo foi, portanto a primeira medicina do homem, e as teorias só muito mais tarde

(Continua na pag. 13)

Fantasia jornalística e a morte do Pepe

Quando foram dizer á amante de Fernando VII—uma francesa suntuosamente linda—a primeira mulher que em Madrid usou de maquilhage—que as outras damas da corte attribuiam o seu triunfo e o seu esplendor ás tintas—ela respondeu, num sorriso de desrfo:—«Diz a essas damas que se pintem... como eu».

Quando não se quer reconhecer ao «Reporter X» a legitimidade dos seus exitos—murmura-se com pseudo desdem:—«Ora... Ora... Assim tambem eu. Fantasia».

Ha mais de um mês que nós numa sensacional reportagem dum dos nossos redatores—Argus—revelamos o segredo da tão discutida morte do «az de «football»—o desventurado Pépe—ou seja que, ao contrario dos folhetins engendrados pelos que desdenham a imaginação jornalística, Pépe não morrerá envenenado, victima de uma tenebrosa conjura de odio—mas sim fulminado por uma doença vulgar.

Um mês depois os diários repetem a nossa informação, entre pirotecnicas de prosa, chancelada pelas notas officias—

mas sem citarem o modesto semanario que foi o primeiro e a grande distancia de tempo, a dest'uir a lenda.

E quando nós disseram que fantasia-mos—responderemos como a amante de Fernando VII: «Que fantasia-mos como nós—e tão ao tempo como nós fantasia-mos.

Quereis dinheiro?

Jogai no

Gama

R. do Amparo, 51 - LISBOA

PREÇOS CORRENTES

Pelo correio mais \$80 para registo

SEMPRE SORTES GRANDES!!!

A ZEITE
SANTA CRUZ

O melhor para mesa

RUA DO ALMADA, 179-1.º

TELEFONE 4998 - PORTO

A guerra nas trincheiras e a guerra nas bôlsas

O último acto ou o prólogo?

A conferência do desarmamento agora reunida em Genebra, tanto pôde vir a representar o último acto da tragédia «1914-18» como o prólogo da futura guerra «193...»

E' facto que os povos europeus, depois da grande sangria, desataram a implorar a Paz e a proclamar o grande crime de que haviam sido os macabros comparsas e dolorosas vítimas. E' facto que as elites dirigentes apoiaram ardentemente essa nobre aspiração, mas discordando sempre entre si, sobre a quem cabia a responsabilidade do tremendo crime de ter provocado a Guerra entre as nações.

A França accusava a Alemanha, esta a França e Inglaterra; a Austria-Hungria viu-se retalhada e transformada em varios estados que entre si se acusavam, também, de responsáveis. A Russia aproveitou a onda de sangue para destruir os seculares alicerces da organização tsarista e crear um novo estado social e uma grave ameaça para o mundo capitalista.

A Belgica lutou poque lhe invadiram a casa e acusa, logicamente, os invasores; Portugal, aliado fiel, cumpridor dos seus tratados e em nome dos direitos dos fracos, declarou a guerra, defendeu e garantiu a posse das suas colónias—sacrificouse, venceu, mas ficou arrazado com tremendo esforço e tamanha vitória!...

A América do Norte enriqueceu a sua indústria, multiplicou a sua produção e depois bateu-se nas trincheiras e venceu a Alemanha e com ela a Europa toda—que lhe ficou escravizada pelo ouro.

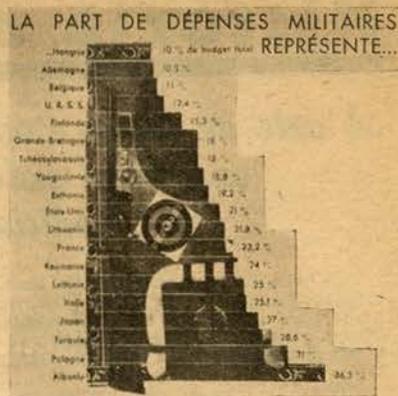
A Inglaterra correu em socorro da casa do visinho, já em chamas. Os Estados Balkans, a Asia, as Américas, a Africa toda, tudo se incendiou e consumiu numa atroz luta de quatro annos e muitos milhões

corpos e nas almas, durante esses feiozes anos de bestial carnificina, feitas as estatísticas da medonha bacanal, chegou-se á triste conclusão de que tudo fôra absolutamente inútil: A causa não estava ganha e os problemas tinham-se complicado!

Então surgem os pioneiros da Paz, e sobe o pano dos primeiros acordes da grande orquestra das Nações associadas, que prometiam tocar a sinfonia da Paz que o mundo babadamente antegosava... Mas os músicos desafinaram! Repetiram-se os ensaios mas a desafinação foi, cada vez mais acentuada. Não tardou a voltar a dúvida—quasi certeza já—sobre a inconsistência das promessas de Paz com que foram embalados os ingénuos.

E como não pensar assim? Veja-se o triste panorama que nos oferece a Europa, afirmou Lord Knúcher que a *força armada em todo o mundo representa um encargo diário de dois milhões de libras*. Só a Inglaterra dispende actualmente 200 libras por minuto com a sua organização militar—sendo um dos países que mais tem pugnado pelo desarmamento.

Temos diante dos olhos o último número chegado a Portugal do *John Bull*, onde Loyd George, o «Tigre» da politica britânica exclama:—«O mundo está ameaçado!...» porque a França exigiu o desarmamento para os outros e armou-se até aos dentes; diz que o poder militar da França e seus aliados possuem a maior força de guerra que já mais houve no Mundo; diz que a França traiu os seus compromissos, diz... diz muita cousa sobre o que se passa na casa alheia mas esquece o que na própria sucede. Esquece que do orçamento inglês 537 milhões de libras são empregues na Causa da Guerra pela seguinte forma: 369 milhões em



O gráfico a que nos referimos neste artigo

a Europa. Em pleno rescaldo duma grande guerra de trincheiras, prepara-se afanosamente para um ainda maior cataclismo, fingindo ignorar que está sofrendo uma verdadeira guerra, menos ruidosa é facto, mas igualmente devastadora,—a guerra mãe de todas as guerras:—A guerra económica!

Será possível desarmar a guerra das trincheiras antes de formar a Paz entre os Guerreiros das Bolsas?

L. L.

O último trabalho de Edgar Wallace refere-se a Angola e vai ser traduzido

Edgar Wallace, o grande novelista e dramaturgo inglês, falecido em Hollywood há poucas semanas, tinha a sua carreira literária intimamente ligada a assuntos africanos, pois foi em Africa e durante a Guerra Boer que o notável escritor se distinguiu com as suas reportagens na imprensa londrina.

São numerosas as referencias a assuntos coloniais que se encontram na sua vastissima obra literária.

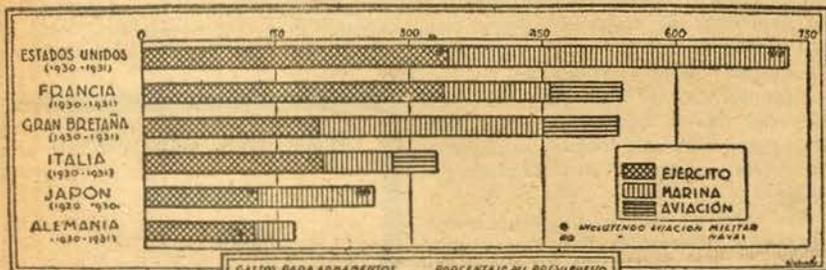
Em Londres no «Windham's» foi estreada a sua última peça teatral justamente dois dias antes do seu falecimento.

«The Green Pack» que foi o seu último trabalho teatral, é uma peça bem do seu género—o inconfundível género Edgar Wallace.

A maior parte das cenas do engenhoso enredo desta «notável obra de fina crítica»—conforme a classificam os criticos ingleses—desenrolam-se em Angola, num Hotel do Lobito e na residencia do Governo de Benguela.

Já o dissemos e é de facto verdadeiramente lamentável que em Portugal mal se conheça a existencia da obra do escritor actualmente mais lido em todo o mundo.

O «The Green Pack» que está sendo traduzido e se destina a um seguro exito teatral, será, talvez, a boa iniciação portuguesa na obra grandiosa de Edgar Wallace.



Os orçamentos de guerra dos principais países

de vítimas para conquista da Paz e da justiça igual para todos—os fortes e os fracos. Mas em vão! Acalmados os nervos, socegados os ódios, esquecidos os mortos e saradas as feridas abertas nos

encargos com guerras anteriores; 55 milhões com pensões de Guerra e 112 milhões com a preparação para futuras guerras!

Eis aqui um detalhe do triste espectáculo que nos oferece

Os tentáculos da Companhia de Jesus em Portugal

(Conclusão da página 4)

Foi bater à porta do amigo — e uma creada vem dizer-lhe que o sr. D. Antonio estava doente, e que não podia recebe-lo. Repetiu tres vezes, em oito dias, tentar avistar-se com o rapaz, sem o conseguir. Entretanto a loja continuava fechada. A ultima vez que foi á Graça — encontrou a casa deserta e a visinhança informou-o de que, na vespera, viera em trem e que os dois cavalheiros dos olhos negros, ensandwichando D. Antonio de Jesus, o tinham metido para o carro ajoujados de malas, dando ordem ao cocheiro para se dirigir á estação do Rocio. Pouco depois saíram os creados, levando o restante da bagagem. E nunca mais se teve noticias d'ele...

Refleti um pouco — e depois perguntei: — "Tu disseste ha pouco que o principal negocio da loja não era a venda de livros. A que negocio te referes?"

O meu informador, sorriu-se e elucidou: — "Negocio... "financeiro", emprestimo de dinheiro a juros, transações, compra de predios, pechinchas da Bolsa etc... Calculava-se em muitas centenas de contos — talvez milhares — o capital com que ele manejava.

— "Mas de quem era o dinheiro? indaguei. — "Do proprio D. Antonio. D. Antonio era um rapaz riquissimo. Filho unico de um casal afdalgado, possuidor de grande fortuna e aparentado com gente rica — foi, muito novo, para um collegio de jesuitas, em Espanha. Não era que os pais do rapaz — o pae, sobretudo, fossem uns fanaticos — mas cederam á influencia de uma tia velha, de quem era herdeiro e esta, por sua vez, agia por hipnose do confessor que pertencia, sob disfarce, á celebre companhia. A meio da educação, os professores de Antonio mandavam alguém conferenciar com o pai para o convencer a deixar o filho seguir a sua vocação — ou seja tomar ordens e entrar para a Companhia. O pai resistiu — e indignou-se ao ir á Espanha falar com o filho e este, em confidencia, lhe declarou estar farto daquelle ambiente. Tomou a resolução de libertar o filho — mas a tal tia, já suggestionada pelos embaixadores dos jesuitas, opoz-se terminantemente a isso — sob ameaça de o desherdar. Infelizmente o pai de Antonio morreu antes da velha parente e o pequeno ficou sequestrado sem defesa. Entretanto a Companhia encaregou-se não só de receber as heranças previstas como de canalisar a ra o seu pupilo as fortunas dos que pensavam deixar os seus bens a outros parentes e não a Antonio de Jesus. Graças a esta manobra, paciente, hábil, maquiavelica, que durára anos — Antonio tornou-se milionario. E enquanto durava esta manobra — o pobre rapaz era sujeito a todos os sistemas de captação e de anestesia de vontade; e quando se convenceram de o terem bem escravizado á sua vontade, e para evitar certa campanha que uns parentes recalcitrantes preparavam sob a pretexto da fortuna de Antonio estar a ser aproveitada pela Companhia sem autorisação nem conveniencia para ele — enviaram-no para Lisboa, instruido de forma a tirar da riqueza o maximo rendimento — o qual, mais tarde ou mais cedo iria parar inteiro, ás mãos dos tutores.

— "Compreendes agora, não é verdade, o terror que se apossou da Companhia ao ter conhecimento da reviravolta que se operára na vida e na alma do seu hipnotizado — que era, afinal apenas o despertar de um longo transe de sonambulismo. E' que a Companhia, embora na apparencia o tivesse libertado e confiado ao seu livre arbitrio — nunca o perdeu de vista. A sua espionagem é mais completa que muita gente julga..."

— "A propósito... Sabes quem era a visinhança que o tentou, que o fez despertar do seu sono cataleptico? Na época era apenas uma girl; hoje é uma actriz de velha fama nos palcos da revista. Prepara-te para uma surpresa..."

Cambaliei ao escutar o nome que elle pronunciára. E tu, leitor, cambaliavas também se eu cometesse a indescricao de o escrever.

— "Pois bem — prosseguiu o meu amigo — muita gente afirma que essa visinhança; consciente ou inconscientemente agia por ordem e paga dos tiranos do Antonio — sob condão de o experimentar apenas. Mas os seus calculos saíram errados. Eles estavam demasiado seguros do seu dominio sobre Antonio — e equivocaram-se. A experiencia deu o pessimo resultado que sabes.

Ouvi o que acabo de escrever em Janeiro de 1923. Hoje 24 de Fevereiro de 1932, esta historia teve varias oportunidades — e por isso a evoco. Primeiro — o facto da Companhia de Jesus estar na ordem do dia com a ordem de expulsão que sofreu em Espanha. Segundo — o da antiga girl, isca do coração de D. Antonio de Jesus, andar nos cartazes e nas bocas dos palradores de café e ainda porque uma aventura sua, mui falada ultimamente, vincar mais ainda a suspeita a que o meu amigo se referiu. Terceiro e ultimo: numa fotografia da abalada dos jesuitas, tirada em Handaya e publicada num diario gráfico espanhol — reconhece-se facilmente D. Antonio de Jesus — esquelético, sinistro, lugubre, com vestes sacerdotaes — atogado de emburlos — o que prova que os seus tutores conseguiram recuperar a sua alma, a fortuna e fazel-o professor...

História da Medicina

(Continuação da pag. 7)

nasceram; foram precisos muitos séculos para se poder juntar o raciocínio á experiencia, e estabelecer dogmas. Tal é a marcha do espirito humano, pois só lentamente ele caminha para a verdade, porque a natureza não se deixa conhecer senão depois de ter sido estudada durante longos séculos. A experiencia do medico e do piloto, é o conhecimento exacto dos escolhos onde outros naufragaram. Sem esse conhecimento vogamos a travéz de mares desconhecidos, e ao acaso, sem bussola e sem estrela polar.

Se consultarmos os anais da medicina nos primeiros povos, vemos que ela era completamente empirica. «Os Babilonios, no dizer de Hérodoto (livro I), transportavam os doentes para as praças publicas, para os que passassem lhes dessem conselhos. Não era permitido — diz aquelle historiador — a ninguém passar perto dos doentes sem se informar dos seus padecimentos; este costume observava-se ainda no seu tempo. Strabão conta o mesmo, não só dos Babilonios, como dos Egipcios e dos Portuguezes (?) Estes ultimos, diz o aludido historiador (livros III e XVI), expunham os seus doentes nas ruas e nos caminhos, para que recebessem conselhos dos que tinham sido affectados pelas mesmas doenças.

Nestes povos, usava-se inscrever nos muros e nas colunas dos templos, os remedios e os diferentes meios que tinham sido empregados com successo nas varias doenças, afim de que cada um os pudesse consultar em caso de necessidade. No Egipto os remedios salutarees estavam reunidos no livro sagrado de Isis e de Osérés, que estava cuidadosamente guardado no templo pelos sacerdotes. Se dermos crédito a Strabão, o famoso templo consagrado a Esculapio na ilha de Cás, estava cheio de inscrições medicas; e foi de lá que Hippocrates tirou, em grande parte, as suas maximas imortais. Mercurialis conta que se via antigamente em Roma, no palacio Maffei, uma taboa de marmore cheia de inscrições, que tinha sido tirada do templo de Esculapio, na ilha de Tibre. Nada era, sem duvida, mais proprio, do que semelhantes instituições para dar experiencia, e levar insensivelmente ao seu apogeu em arte nascida ha pouco.

(Conclue no proximo numero)

O que é o desfalque da Vacuum

(Conclusão da pagina 6)

Mas, proseguindo, conhece a policia o facto de pertencerem á direcção da Cooperativa dos funcionários da Vacuum o Josézinho e o Barateiro? Não conhece? E conhece também a situação financeira dessa cooperativa?

Jogo franco: tudo nos leva a crer que o desfalque é maior do que até agora se apurou e que a cooperativa também está roubada. Enganar-nos-hemos? Oxalá que sim, mas parece-nos que á policia compete apurar o caso.

E aqui têm os nossos leitores o motivo porque o Josézinho teria omitido a verdade: não só não deu a manifesto, possivelmente, a totalidade do roubo como, talvez, escondeu qualquer cúmplice ou co-auctor no roubo.

Uma pergunta que é um pormenor: — Não haverá na cooperativa uma letra a descoberto de 900 libras, cujo pagamento por mais de uma vez tem sido reclamado?

De como, pagando uma letra se fica habilitado a herdar uma fortuna

Não nos move, neste como em nenhum outro assunto de que nos ocupamos, o menor desejo de, pelo simples prazer de ferir ou prejudicar qualquer, trazer para a liça casos dos quais resultem consequências que prejudiquem A ou B. Nestes termos, e porque só existe da nossa parte o desejo já por mais duma vez accentuado, de descobrir a verdade, cumprindo assim a nossa missão de reporter, não podemos deixar de focar todos os aspectos do caso.

Segundo parece, em tempos, a sr.^a D. Maria da Conceição de Mesquita Pimentel, prima da mulher do Josézinho emprestou por intermédio d'este, á Cooperativa dos empregados da Vacuum, 80 mil escudos, importância de que lhe foi passada uma letra. Se este dinheiro chegou a entrar no cofre da Cooperativa não sabemos, mas supomos saber que não entrou, pois teria ido para o tal escritório do Josézinho e do Barateiro, no qual os negócios de há muito não corriam propicios.

A verdade é que esses 80 mil escudos foram pagos á credora, certamente com parte do dinheiro roubado á Vacuum. Nem se compreenderia que assim não succedesse, pois o Josézinho teria raciocinado que a sua responsabilidade como ladrão não aumentara com mais 80 mil escudos roubados e que, pagando á sua tia a única herdeira da Morgada, ficava habilitado quanto mais não fôsse, por retribuição do dever cumprido, a herdar com sua mulher, por exclusão de partes a avultada fortuna daquela.

Quanto ao que se tem passado e se está passando com a Morgada da Apariça, estamos-nos documentando e esperamos já no próximo numero poder tratar d'este caso com a largueza que elle merece.

Argus

Revelações sensacionais

Como são roubados os diamantes de Angola

A espionagem da Diamang — Os gulunos de diamantes e a horrorosa maneira como ocultam as pedras preciosas — O receptor dos roubos — Um crime no Oceano — Tira inoportuno — Um combate no matagal



O aliciado de Xá-Imbanje, ladrão de diamantes

— Ainda estamos muito longe?

— «Nam sídr»...

Sempre que me dirigia a Lupanquita, o meu guia na Lunda, recebia invariavelmente a mesma resposta.

Caminávamos, pressurosamente, sob uma trovoadra espantosa—daquelas trovoadas de África diante das quais nos achamos pequeninos sob a violência imponente dos elementos.

— Ainda estamos muito longe?

— «Nam sídr»!

Aos tropeções, praguejando, cegos pela noite, pela claridade deslumbrante dos relâmpagos e pela chuva, lá prosseguíamos a jornada.

A água penetrava-me pela gola do impermeável, deslizava pelas costas com um «glou-glou» apressado e ia inundar-me as altas botas de couro.

A tiracolo, a carabina parecia ter um peso incomensurável e a bandedeira magoava-me o ombro com a angustiosa sensação duma queimadura.

Istaquei por momentos.

— Lupanquita!

— «Eu está aqui, patrão!»

— Falta muito?

— «Nam sídr»...

D'aquí a meia hora de pragas, lamaçais e tropeções de todas as intensidades, batia á porta do velho comerciante.

Pouco depois, entre o espanto de Sarmento de Brito e os olhos arregalados dos serviaes negros, entrava eu a odisseia daquela travessia pelo matagal, debaixo da tempestade; Lá fóra abrandára a chuva. De longe vinham os ecos das melopeias gemebundas dum rancho de carregadores «quibocas» que atravessava a «chana» á luz sangrenta de áchas resinosa.

A «Diamang» e, a sua espionagem, e as secretas negociações de diamantes no Transvaal e no Congo Belga

Semanas antes, na explanada «Portugália», em Loanda, entre uns «whisky» e os sons dolentes dum tango soprado a plenos pulmões pela banda municipal—onde o regent embocava um clarinete com a mão esquerda enquanto com a direita esgrimia a batuta—havia conversado largamente com Sarmento de Brito.

O velho negociante, de olhitos muito vivos que tudo pareciam kodakisar, de rosto enghado pelos seus vinte e cinco anos de Lunda, contou-me vários casos sobre os mais confusos problemas da exploração dos jazigos diamantíferos; e acabára por exclamar:

— Porque não vai passar uns dias comigo? Na Lunda encontrará imensas materias para fazer uma sensacional série de reportagens.

— Não sei se...

E depois elucidou-me:

— Você sabe que a Companhia dos Diamantes é uma potência de respeito.

A sua policia faz lembrar algumas das mais completas organizações de espionagem. Desgraçado daquele de quem os cé beros da «Diamang» suspirarem. E se guido sem que dê por isso e, de subito, caem-lhe em cima com uma série de buscas, e mechem-lhe tudo, obrigam-no a ingerir purgantes, levantam táboas de soalho... o diabo!

E tudo isto por desconfiar que o Sr. X... ou Y..., compram diamantes aos indigenas que trabalham nas minas.

— Efectivamente na Metropole succedem, de quando em quando, casos desse género, com individuos que regressam de Angola.

— Mas isso é a parte mais conhecida e explorada... O que se não sabe o que ainda se não revelou é a forma como os indigenas roubam os diamantes e os levam para o Transvaal e para o Congo Belga, onde um tal Andries Wescel e varios agentes seus compram as pedras preciosas a troco de bugiças, riscados, garafas de vinho, polvora em grão e espingardas velhissimas.

E com uma gargalhada, Sarmento de Brito, afirmou:

— E aqui tem Você, o assunto inédito que eu lhe ofereço como prémio de recompensa da sua viagem á Lunda.

Na semana seguinte tomei o comboio para Malange. Dali até Saurimo foi uma viagem de aventuras. E da capital da Lunda á caça do comerciante, succederam-me tantos e tão espinhosos precalços que estive quasi a desistir.

Mas, enfim, havia chegado... Uma valente fricção com álcool, no corpo dolorido, um sono de dize horas ininterruptas, uns cálices de «gin» autentico, alguns comprimidos de quinino e eis-me pronto para tudo. disposto a seguir o velho comerciante até ás mais distantes regiões do Cassá.

Como se roubam diamantes — O aliciado de Xá-Imbanje

Na véspera, á hora do jantar, Sarmento de Brito, prevenira-me:

— Amanhã começaremos a sua reportagem. Prepare-se, com a carabina, para vêr e ouvir coisas curiosissimas.

— Mas, para que é a carabina? Vamos á caça?

O comer jante riui com ar misterioso e redarguiu baixando a voz:

— Não vamos á caça... Mas, é conveniente levar a sua «Winchester» para, talvez, evitar ser «caçado»...

Aquilo intrigara-me. «*Evitar de ser caçado*», era uma frase que dava margem ás mais bizarras suposições. Quem seria que havia de tentar «*caçar-me*», se eu não conhecia ninguém naquele imenso territorio da Lunda, se era a primeira vez que pisava as discutidas e aguerridas terras do quasi leadário Mantúlvua?

Havia duas horas que vagueavamos no «*Mavito*», proximo da fronteira com o Congo Belga quando M'Combo, que nos acompanhára, se arremeçou ao chão, roupejando:

— Já vem ali os «*homem da mina*», patrão!

Efectivamente, ainda distantes, caminhavam para a fronteira, a corta-mato, um pequeno grupo de indigenas.

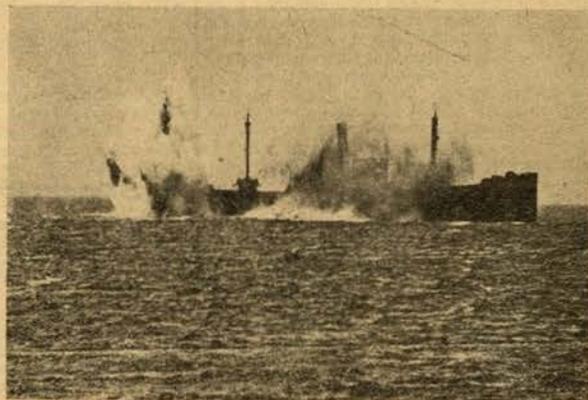
Não entoavam as melopeias «*quibocas*» e pareciam aproveitar os mais pequenos tufo de capim para seguir sem serem vistos. A um sinal do comerciante que a joelhára, imitei-o. Ocultos no capim, vimos os negros aproximarem-se, rápidamente, mas quasi sem fazer o menor ruido.

Quando iam a passar na nossa frente, Sarmento de Brito e o seu creado, saltaram de entre o capim e arremessaram-se sobre os misteriosos gentios.

Houve entre estes um momento de pavor que pareceu ir transformar-se na fuga de cada um para seu lado.

— Ninguém fôge!—gritou o comerciante de arma engatilhada, ao passo que M'Combo, com um risinho trocista, erguendo a sua «*catana*», roncou: — «*Nenhum gente sai d'aí, hein!*» «*Nenhum gente*»...

(Conclue no próximo numero)



A explosão de dinamite a bordo do «Autome Branty», um dos crimes de Andries Wescel

PROBLEMA PALPITANTE

Falsos médicos

Uma anedóta verdadeira a propósito — Quem é o assistente livre do Serviço de estomatologia do Hospital Escolar, Carlos Madeira Nobre Gomes — Acabe-se com os médicos-vigaristas

PALI é um dos meios franceses mais afamados na medicina. Contam-se por algumas centenas os médicos que naquela cidade assentaram arraiais, correndo mundo a fama de que quasi todos estão possuídos.

Há tempos appareceu ali um individuo francez, mas desconhecido no meio social cittadino, um forasteiro, que, mal teve tempo de arrumar a bagagem, se instalou no bairro onde abundam mais consultórios médicos. O cavalheiro, tendo a proteçã-lo um fisico extraordinariamente insinuante, conseguiu, com um pouco de propaganda, em pouco tempo, tornar-se conhecido de quasi toda a população de Pau, que lhe admirava a prodigiosa habilidade demonstrada na cura de várias doenças.

Ainda não havia passado muito tempo sobre o dia em que o nosso curandeiro chegára a Pau, e já elle, que não exitava em afirmar a toda a gente que não era médico, melhorava as instalações do seu consultório. Alguns meses volvidos, e mais um melhoramento appareceu no estabelecimento: uma taboleta reclamando o Dr. Z., hervanário diplomado.

Este facto provocou um certo escândalo, pois em França ninguém podia afirmar-se hervanário sem possuir um diploma, passado no fim dum curso, que lhe reconhecesse essa qualidade, e ninguém se lembrava de elle ter frequentado qualquer escola. No entanto, isso em nada prejudicava a fama do hervanário, que continuou a tratar da sua clientela, sempre aumentada.

Entre os clínicos de Pau, nos primeiros tempos não se reparou na presença do curandeiro mas, a certa altura, era já tão numerosa a clientela d'este, que quasi nada ficára para aquelles, o que os levou a tomarem uma resolução. Reuniram-se e deliberaram reclamar das autoridades

ao caso. Mas o curandeiro é que cortou cerce o espanto dos que o ouviam, explicando a sua attitude:

— Procedi assim visto a minha classe estar tão desacreditada que, se me dissesse médico, por mais curas que fizesse, não conseguia ganhar a vida.

Assim, preferi fazer-me passar por curandeiro e hervanário, com a consciencia do que fazia e perfeito desempenho da minha verdadeira profissão, e consegui ganhar a vida, tirando aos meus colegas a pouca clientela que ainda lhes restava. Se não tivesse procedido desta maneira, teria morrido de fome, ou quasi, tal é o descrédito de que a minha classe sofre.

Claro, que a policia não teve outro remédio senão restituir immediatamente a liberdade o homem, com grande arrelia dos médicos de Pau.

O que acabamos de contar passou-se em Pau, França. Entre nós, felizmente, embora haja casos que deviam obrigar as autoridades a intervir contra alguns médicos, dos autênticos, a verdade é que, felizmente, iamoz dizendo, esses casos são apenas excepções, o que permite — e muito bem — que a classe medica esteja rodeada dum prestigio que reconhecemos absolutamente necessário ao exercicio dum tão nobre missão.

Por isso mesmo, é que ao contrário do que succedeu em Pau, há individuos que se dizem médicos sem o serem, pondo em constante risco a vida dos que se lhes entregam para tratar da saúde abalada. E, pior do que isso, é que há alguns médicos — isto é triste mas é verdade — que cobrem com o seu diploma, alguns falsos médicos.

De toda a parte nos chegam cartas, telegramas e telefonemas felicitando-nos pelo nosso artigo de há dois números «Falsos médicos», e encorajando-nos a continuar na moralisadora campanha. Não nos eram necessários tais incentivos, mas nem por isso os deixamos de agradecer, como também nos desvanecemos, pela certeza que nos trazem de que somos acompanhados por todos quantos nos lêem, numa communhão de ideias que só nos honra.

Cabe agora a vez de nos occuparmos dum cavalheiro cujo arrôjo toca os raios do inverosimil. Chama-se elle Carlos Madeira Nobre Gomes, diz-se médico diplomado pela Universidade de Coimbra: assistente livre do serviço de estomatologia do Hospital Escolar de Santa Marta, e tem consultório no Largo Trindade Coelho, 9, 2.º. O cartão de visita com que se illustram estas linhas, atesta a veracidade do que afirmamos, mas se ainda houver quem duvide, suba à morada acima indicada e encontrará na porta do segundo andar uma chapa de metal amarelo, onde se lê: *Nobre Gomes — medico*. Desça depois e procure consultar uma lista telefonica e lá encontrará com o nome completo do cavalheiro, o telefone 25.341.

E, afinal, é falso que tal cavalheiro seja médico. É absolutamente falso! Não se formou em nenhuma das Universidades portuguesas, embora tenha frequentado a de Coimbra e a do Porto. Mas se o descaramento do falso médico Damião de Brito, do qual nos occupamos ha pouco, é grande, enorme, o descaramento deste Nobre Gomes, é extraordinario, pois chegou ao ponto de vigarizar até o Snr. Dr. Tiago Marques, director do Serviço de estomatologia do Hospital Militar, bem como outras pessoas que a este o apresentavam, como médico, conseguindo assim trabalhar num estabelecimento científico, como aquele, o que só é permitido a médicos ou a estudantes de medicina que se encontrem tirando o curso.

Perante um tal desafôro, que fazer, senão pedir providencias no sentido de acabar de vez com semelhante vigarista?

ARGUS

O falso D. Manuel II em...
Filadelfia

(Continuação da pag. 11)

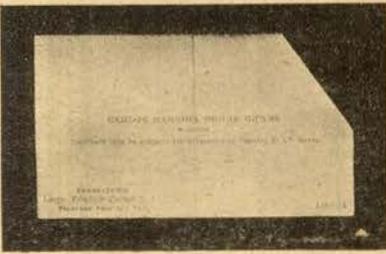
profundamente emocionaram as almas que ainda hoje vibram como eco de uma balada recente. O pasteleiro do Madrigal que encheu, a transbordar, três dos mais famosos volumes de Fernandez y Gonzalez — não é uma visão irreal de folhetinista imaginativo: pertence á historia. Plebeu ou fidalgo, o que está provado é que esse audacioso caçador de aventuras, seduziu prin. esas, convenceu politicos, deixou um Papa hesitante — e é não fosse a força de Castela, era muito possivel que elle tivesse entrado na História de Portugal e iniciado uma dinastia... Outros impositores surgiram depois — um em Venesa (que nem sequer sabia falar português) e a que Camilo se refere nas *Noites de Insomnia* e outro em Roma, de que nos fala Campos Ruiz, no livro «Reyes sin Patria», — um tal Ramperi que teve a protecção do Papa.

E quantos *daufines* fregolizados não surgiram, como filhos de Luis XVI e de Maria Antonieta? Verdade é que as circunstancias nem sempre colabora na obra dos burlões — deixando-nos graves duvidas no espirito. O desditoso principe francez — morreu de facto, inquisitoriado pela brutalidade cruel do sapateiro a quem foi confiado? Não se sabe! E' este, talvez, o unico segredo inviolado da época revolucionaria? E na incerteza de que o daufino fivesse morrido — como negar em absoluto as afirmações dos que quiseram impôr á França, após a tempestade, quatro ou cinco herdeiros do trono?

E agora mesmo — com a tragédia russa — se repetiu mais uma vez o eterno folhetim dos *sobreviventes misteriosos*... Ninguém ignora que toda a familia Rumanoff — os imperadores, as granduquezas, o tzarovitch, foram chacinados na casa do burguez Epitoeff, em Ekateremburg — e os seus corpos queimados e as cinzas lançadas a um poço. Pois bem: um official russo que acompanhou as tropas tcheco eslovacas, na fracassada tentativa de invasão, em 1919 e que conseguiu entrar em Ekateremburg, ao fazer o processo do assassinato imperial, recolheu provas suficientes para... susseitar, pelo menos, de que um dos filhos do imperador escapára, com vida, ao fogo dos pistoleiros ferozes do comissario Yhoris. Seria uma das grandes duquezas? Seria o pequeno e debil principe — o *tzarovitch*? Misterio!

Logo a seguir um lavrador ucrasiano fez constar que conhecia o paradeiro do *tzarovitch*. Alvorçou-se a Europa inteira — e o Gran Duque Demetrio, ainda vivo, então, (1932) correu á Ukrania — desmentindo o boato visto que o rapazote que lhe apresentavam não era o sobrinho. Depois, outros tzarovitchs brilharam, aqui e além, como falsos astros numa cenografia teatral — sendo quasi todos apagados porque sendo o tzarovitch vítima de uma enfermidade crónica, hereditaria e quasi exclusiva de certas familias reaes — os médicos, examinando os embusteiros, não lhe diagnosticavam tal doença — desfazendo assim os planos dos burlões! Mas ainda hoje existem duvidas e se floreteiam controversias em redor de uma senhora que se encontra internada numa casa de saúde dos arredores de Varsovia, cuja idade e apparencia fisica correspondem á mais velha das filhas do tzar e que, sofrendo de um ataque de amnesia total — se encontra em tratamento sem que se lhe possa arrancar uma só reminiscencia sobre o passado. Será, de facto, uma sobrevivente de Ekateremburg? Pertercer-lhe-ha o trono dos Romanoff?

... Mas com este D. Manuel de Filadelfia não pôde haver duvidas. O ultimo Bragança continua a viver tranquilamente no seu palacete de Richessonde, escrevendo historia, fazendo musica e colecionando livros — e Charles Dressn desapareceu, em Janeiro, do palacio da sua protetora, Miss Buckley, levando o melhor do capital para a restauração do seu trono — algumas centenas de milhares de dolars e fazendo-se acompanhar pela jovem artista monarca — Sonia Padresco.



a prisão do seu desleal concorrente — desleal por não ser médico nem hervanário — e, como as leis francesas são inexoráveis em casos tais, o curandeiro, poucas horas depois encontrava-se na chefatura da policia.

Uma vez ali, interrogado sobre se não sabia que estava vedado aos leigos o exercicio da medicina, respondeu flegmáticamente: — mas quem foi que lhes disse ser eu um leigo?

Esta resposta causou espanto na assistência policial, espanto que se tornou breve em cólera, pois não são de admitir brincadeiras com a policia.

O preso sacou então dum bolso um rôlo de papel e, desembrulhando-o, exhibiu um diploma de médico passado a seu favor. Calcule-se o espanto causado por esta solução inesperada dada

Fixador NALLY



*Doma os cabelos d'uma ma-
neira absoluta*

2321

CHIADO

